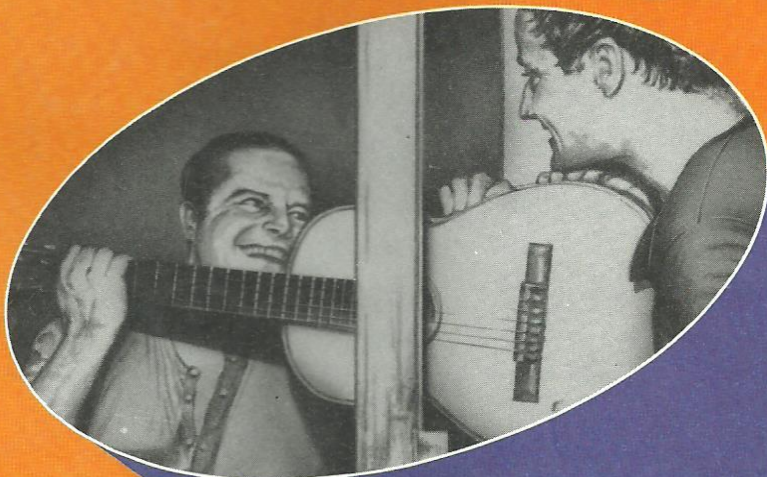


LISBELA e o PRISIONEIRO

iluminado



6

OSMAN LINS

editora scipione



editora scipione



DIRETORIA

Luiz Esteves Sallum
Vicente Paz Fernandez
José Gallafassi Filho
Antonio Carlos Fiore

GERÊNCIA EDITORIAL

Aurelio Gonçalves Filho

PROJETO EDITORIAL

Cristina Carletti

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Samira Youssef Campedelli

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Andréa Cozzolino

REVISÃO

chefia - Sâmia Rios
coordenação - Miriam de Carvalho Abões
revisão - Adalberto Luís de Oliveira, Roberto Belli
e Oswaldo Cogo Filho

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Gil Naddaf

ARTE

coordenação geral - Sérgio Yutaka Suwaki
edição de arte - Didier D. C. Dias de Moraes
coordenação de arte - Edson Haruo Toyota
arte-final - Anildo de Souza, J. Reinaldo S. Santos e Marcos Nobilo
capa - Júlio César Mendonça
ilustração de Paulo Manzi sobre foto cedida por
Julieta de Godoy Ladeira

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

José Antonio Ferraz

COMPOSIÇÃO

Diarte Editora e Comercial de Livros
coordenação geral - Nelson S. Urata
gerência de produção - Sílvio Vivian
composição - Nelson T. Dehira

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Pro! - Editora Gráfica Ltda.

Editora Scipione Ltda.

MATRIZ

Praça Carlos Gomes, 46
01501-040 São Paulo SP
e-mail: scipione@scipione.com.br

DIVULGAÇÃO

Rua Fagundes, 121
01508-030 São Paulo SP
Tel. (011) 242 8411
Caixa Postal 65131

1998

ISBN 85-262-1888-3

1ª EDIÇÃO
(2ª impressão)

APRESENTAÇÃO

Ator, texto e público, eis a tríade que compõe o fenômeno teatral, por mais que se tente subvertê-lo, sacudi-lo ou esfregá-lo. Para que haja teatro, sempre será necessário que alguém represente algo — do puro gesto à palavra — para alguém. O resto é silêncio (às vezes um pouco barulhento, é verdade).

Costuma-se dizer que o ator é a alma do espetáculo. Mas de que serviria essa alma se não existisse um corpo para se entregar a ela? Esse corpo é o texto. Rijos, flácidos, nacionais, estrangeiros, a coleção “Palco Iluminado” os expõe, esperando que, principalmente no caso dos poucos ou jamais encenados, a sua nudez seja castigada.

Lisbela e o prisioneiro foi publicada em 1963 pela Edição da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em tiragem limitada e de alcance restrito. Esta edição resgata para o grande público uma comédia singela, crítica e, sobretudo, atual, de um dos escritores mais significativos da literatura brasileira contemporânea.

Os Editores



*Cadeia Pública, em
Vitória de Santo An-
tônio, PE. O cenário de-
ve ser disposto de
modo que a ação pos-
sa desenrolar-se dentro
e fora da cela. Tam-
bém há cenas na calça-
da da cadeia.*

PERSONAGENS

Por ordem de entrada em cena:

JABORANDI — soldado e corneteiro
TESTA-SECA — preso
CITONHO — velho carcereiro
PARAÍBA — preso
TENENTE GUEDES — delegado
LELÉU — aramista e prisioneiro
JUVENAL — soldado
HELIODORO — cabo do destacamento
LISBELA — filha do Tenente Guedes
DR. NOÊMIO — advogado, noivo de Lisbela
TÃOZINHO — vendedor ambulante de pássaros
FREDERICO — assassino profissional
LAPIAU — artista de circo, amigo de Leléu
DOIS SOLDADOS — personagens mudos

1º ATO

JABORANDI Aí, o rapazinho fez tãe, tãe, tãe... Cada murro! Os bandidos chega viravam.

TESTA-SECA Isso é mentira.

JABORANDI Mentira o quê? É verdade.

TESTA-SECA É mentira.

CITONHO Eu, por mim, só acreditava se visse.

JABORANDI E eu não vi?

CITONHO Você viu no cinematógrafo.

PARAÍBA E como foi que terminou?

JABORANDI Hein? Ah, sim. Quando estava nisso, o artista pegou um revólver no chão e meteu o dedo. Mas cadê bala? Aí, um bandido apanhou um garfo, rapaz, desse tamanho!, e partiu pro rapazinho. Ele foi recuando, recuando — e TRÊE — pulou pela janela do décimo andar.

CITONHO Vai ver que nem morreu nem nada.

JABORANDI Agora, só na próxima semana.

CITONHO Mas isso é que é ser uma besteira. Esperar uma semana, pra ver se esse camarada morreu ou não morreu. Não morre nunca!

JABORANDI Morre nada. Morrer o quê?

TESTA-SECA Então, é mentira. Cair numa altura esquisita e não morrer!

JABORANDI Você não sabe o que é isso não. Aquele pulo é um episódio. Entende? Episódio. Na última hora, acontece uma coisa. Aí é que está o ruim: a gente passar uma semana sofrendo, bolando que coisa foi essa.

TESTA-SECA É preciso ser muito besta. Passar uma semana inteira, quebrando a cabeça com isso.

PARAÍBA Testa-Seca! Respeita o praça.

JABORANDI Pois é. Respeita a autoridade.

TESTA-SECA Autoridade... Soldado raso é lá autoridade. Ele e nada, pra mim, não tem diferença. Vou dizer mais uma. Com essas histórias aqui a vida toda, já me encheu tanto, que quando eu cumprir minha sentença, vou assistir uma série todinha, só para torcer pela quadrilha.

JABORANDI Pois você perde o tempo, porque na última série, queira ou não queira, os bandidos vão em cana.

TESTA-SECA Na última série, eu não vou. Pronto.

JABORANDI Isso é que é um gosto. Pois eu lhe garanto uma coisa: se você visse, terminava torcendo pelo artista. O homem é parada. Uma coragem de bicho.

CITONHO Não sei por que você se entusiasma tanto. Essas coisas, essas valentias, essas espertezas, esses saltos, nunca acontecem na vida.

JABORANDI Ora não acontecem... (*intencional*) Você bem sabe que sim...

CITONHO (*meio confidencial*) Que é isso, Jaborandi? Olha a indiscrição.

JABORANDI Ah! Olhe aí. Eu não disse?

TESTA-SECA Que mistério é esse? Que é que vocês dois estão falando?

CITONHO Não é nada. É um negócio aqui entre nós.

TESTA-SECA Paraíba, veja o que estou lhe dizendo. Aqui tem coisa. De vez em quando, é um segredinho, um cochichado...

PARAÍBA Você só vive vendo coisa em tudo.

CITONHO E a parte do meio, Jaborandi, como foi?

JABORANDI Que parte do meio?

CITONHO O meio da série.

JABORANDI Lá vem você. Você gosta de gozar com a desgraça alheia.

CITONHO (*gozando*) Estou só perguntando, rapaz.

JABORANDI Você não sabe que no meio da série eu tive de sair, pra tocar silêncio aqui nesta cebola? Eu ainda dou baixa da polícia e vou vender mané-gostoso na feira, só pra estar livre na hora da série. Onde já se viu tocar silêncio em cadeia? Is-

so aqui é quartel? Maldita a hora que eu aprendi a soprar numa corneta.

TEN. GUEDES (*entrando*) Senhores do conselho de sentença!

CITONHO Como vai, tenente?

TEN. GUEDES Vou muito bem. E você, Jaborandi, que é que tem sua corneta?

JABORANDI Estava dizendo que já está na hora de dar um polimentozinho nela. (*Vai polir a corneta.*)

TEN. GUEDES Ah, sim. Eu tinha entendido outra coisa. (*aos presos*) Olhem aqui, seus desgraçados, vejam o que estou lhes dizendo: A autoridade é um fardo. Eu já tratei vocês mal?

PARAÍBA Qual! Isso aqui é mesmo que um hotel.

TEN. GUEDES Mereço ingratidão?

PARAÍBA Nem diga isso.

TEN. GUEDES Não mereço, não é? Mas vocês vejam o que é autoridade. Aquele miserável do Leléu, aquele preso dos seiscientos diabos, em agradecimento pelo que eu lhe fiz, levando-o pra andar no arame, na minha própria casa, no dia do noivado da minha filha, teve o descaro de saltar meu muro e desaparecer. E nunca mais houve ninguém que o agarrasse.

TESTA-SECA E o senhor não disse que de lá mesmo ele tinha seguido pra Casa da Detenção? Não disse que era ordem do juiz?

TEN. GUEDES Isso eu disse, pra evitar confusão. Porque vocês, que só vivem fazendo mau julgamento, podiam bem pensar que ele tinha fugido com a minha conivência. Eu não sei as coisas como são?

TESTA-SECA Quer dizer que vocês todos mentiram. Taí. É por isso que eu digo, a gente só se encontra com mentira. Eu não disse que aqui havia coisa?

JABORANDI Era ordem, rapaz. Era ordem.

CITONHO Está vendo, tenente? Eu bem que fui contra essa história de mentir pros homens. Numa idade desta, velho que já perdi a conta, ser argüido de mentiroso.

JABORANDI Ser o quê, Citonho?

CITONHO Chamado de mentiroso. E, ainda por cima, com um processo nas costas, já no fim da carreira. Mas Deus é justo.

TEN. GUEDES Calma, calma no Brasil. Não me toque nesse processo, Citonho. Você não sabe que falar nisso me dá dor de cabeça? E a vocês dois aí, o que eu quero dizer é que nenhum me caia na besteira de fugir. Porque eu tenho faro e sou opinioso. Vou até o fim do mundo, mas trago pela orelha, vivo ou morto, o peste que fugir desta cadeia.

TESTA-SECA É, mas faz mais de uma semana que o cara do circo fugiu, e nada.

TEN. GUEDES Pois aí é que você se engana. Hoje ele está aqui e não demora muito. Já recebi aviso.

JABORANDI É mesmo?

CITONHO E o processo?

TEN. GUEDES Não me chateie com isso, senhor. Eu não já disse?

PARAÍBA O tenente é parada.

TEN. GUEDES Ah, vocês não me conhecem não. Conta pra eles, Citonho.

CITONHO Contar o quê?

TEN. GUEDES Vocês podem encontrar homem persistente, igual a mim. Mais, é impossível. Comecei, termino. Está aí Citonho, que não me deixa mentir. Eu com quatro anos de casamento, minha patroa, que Deus a tenha em Sua santa guarda, não tinha filho. Então, me disseram: Ah, Guedes Lima, isso é sífilis. O negócio é você tratar da sífilis. Toma Elixir de Nogueira. Tomei o primeiro vidro, nada; o segundo, nada; o terceiro, nada. Aí eu disse: Agora eu tomo Elixir de Nogueira, até minha mulher engravidar. Remédio bom! Quando eu estava no oitenta e quatro vidro, a patroa me disse: Lima, o negócio parece que deu certo. E deu mesmo. Vocês pensam que eu tenho o nome de Nogueira na família? Não. Mas botei o nome da menina de Lisbela de Nogueira. Lisbela de Nogueira Lima, em homenagem ao Elixir de Nogueira. Eu sou assim, é ou não é, Citonho?

CITONHO É.

TESTA-SECA Vote!

TEN. GUEDES Outra coisa que me deixa queimado, é traição. O cabra me traiu, traiu outra pessoa, comigo não arranja é nada. Tem um inimigo até na hora da morte. Sou capaz de lhe apagar a vela, pra ver ele morrer no escuro.

PARAÍBA Eu também sou assim.

TESTA-SECA Isso é conversa, meu. Ninguém tem lá coragem de apagar a vela de um cristão na hora de entregar a alma ao diabo?

CITONHO Que é isso, Testa-Seca? Respeite o delegado.

TESTA-SECA E isso é falta de respeito? Bote o homem aqui, chefe, quando ele chegar. Vou passar-lhe as duas garras na goela. Quero botar a vela na mão dele. Aí, o senhor pra mostrar que é um cabra danado, entra e apaga a vela. Quer topar?

CITONHO Tenente, vamos botar o rapaz na outra cela. Se não, é capaz desse camarada matá-lo de verdade e isso dá uma complicação doida.

TEN. GUEDES Você não compreende, Citonho? Isso é brincadeira de Testa-Seca. Os três são muito amigos. São ou não são?

PARAÍBA Eu, por mim, gosto de todo mundo. A gente só fica meio assim, porque ele foi embora tão calado. Nem se despediu...

TEN. GUEDES Pois é, vou juntar novamente os três amigos. A outra, é a cela das mulheres.

CITONHO Tenente!

TEN. GUEDES Não quero parecer, Citonho. O homem vai ficar aí. É ordem. Mas não pense você que a morte é a pior coisa que existe, Testa-Seca.

CITONHO Tenente! Leléu é um rapaz tão bom!

TEN. GUEDES É bom, mas por causa dele nós dois estamos sendo processados. Ah, juiz miserável!

CITONHO O senhor disse por causa dele? Menas a verdade. Por causa, com licença da palavra, de V.S., que foi o responsável por toda a confusão.

TEN. GUEDES Citonho, olhe essa falta de prudência. Parece que está desregulado! Além de me faltar com o respeito, querendo defender aquele cafajeste.

CITONHO Nada disso, tenente. Continuo dizendo que é um rapaz muito bom.

TEN. GUEDES Bom, não sei. Mas com a folha de serviço que ele tem, um casamento no civil, outro com padre, outro no anabatista, outro na igreja brasileira, outro não sei mais em que, fora os defloramentos, pelo menos deve ser gostoso. (*Riem, menos Testa-Seca.*)

TESTA-SECA Oito. Oito donzelas ferradas, por esse Brasil velho de guerra. Ele não contou, mas a gente soube. Oito, e eu nunca tive uma. Mundo mal dividido.

CITONHO Isso é assim mesmo, minha gente. Eu também estou no fim da vida, era um rapaz morigerado e nunca encontrei quem quisesse matrimoniar-se comigo.

JABORANDI Quisesse o quê, Citonho?

CITONHO Se casar comigo, rapaz. Ora que você não sabe nada!

TESTA-SECA Eu só estou é ele andar por aí, fazendo essa miséria toda, e nunca teve um pai de moça que capasse ele.

TEN. GUEDES É como lhe digo, morrer não é o que existe de pior. Você já pensou? Um sujeito assim feito capão?

Após um instante, os presos compreendem, hã risadas. Testa-Seca e Paraíba trocam tapas, este finge bater asas e canta como galo.

JABORANDI Tenente! O homem vem aí com Juvenal e o Cabo Heliodoro. Parecé até que vem mais gordo! (*Toca alegremente a corneta.*)

TEN. GUEDES Pare com isso! (*Jaborandi continua.*) Silêncio. (*Ele pãra.*)

LELÉU (*Entrando, acompanhado do soldado Juvenal e do Cabo Heliodoro. Está com a camisa rasgada e meio sujo de terra.*) Epa, minha gente, como vão as coisas por aqui? Que é que há, Jaborandi? Citonho velho! Sempre firme, hein? (*aos pre-*

sos) Aí, meninos! Nunca se metam a fugir, que esse homem é de morte. Me agarrou.

TEN. GUEDES Preso... ajoelhe-se.

LELÉU Por quê? E aqui agora é igreja, é?

TEN. GUEDES Ajoelhe-se, peça perdão.

LELÉU Eu não fiz nada.

TEN. GUEDES (*batendo-lhe*) Ajoelhe-se, peça perdão por ter traído a minha confiança, fugindo de minha casa, procurando me desmoralizar...

LELÉU Não! E o senhor não pode me bater. Só porque estou preso? Eu tinha o direito de fugir. Agora o senhor não tem o direito de bater em mim, como não podia me tirar daqui e levar pra sua casa.

TEN. GUEDES Tanto podia, que levei.

LELÉU Tanto não podia, que o juiz está querendo metê-lo na cadeia. Pensa que eu não sei, é?

TEN. GUEDES Oh, dor de cabeça dos diabos. Citonho, quando você quiser levar uma dentada, faça favor a um cachorro.

LELÉU Quem é cachorro? Sou eu? Nem eu sou cachorro, nem o senhor me fez favor. Ora favor, essa é boa. Saio daqui pra trabalhar de graça, e logo no noivado de sua filha, que é uma jóia de moça, com aquele advogadozinho que ajudou o promotor a acertar minha tampa; e o outro me vem com essa história de favor. Favor fiz eu, e não foi ao senhor, fique sabendo.

TEN. GUEDES Atrevido!

LELÉU Só fui por causa das moças que pensei que havia lá. Nunca mais eu tinha visto uma mulher que prestasse. Mas apareceu a hora de escapar, fugi, saltei o muro. Eu não era homem, se deixasse passar a ocasião.

TEN. GUEDES Só é pra que você é homem: pra enganar mulher e fugir.

LELÉU E você?

TEN. GUEDES Dobre a língua, cabra.

LELÉU Você tem coragem de passear num arame, só com uma sombrinha na mão, arriscado a quebrar o pescoço?

TEN. GUEDES Isso é negócio pra malandro.

LELÉU Pra malandro? Precisa ter é jeito e peito pra fazer. Você tem coragem de ficar na frente de um boi brabo, esperando por ele e agarrá-lo pelos chifres e derrubá-lo no chão? Tem?

TEN. GUEDES Nem eu, nem você.

LELÉU E por que é que eu estou aqui de camisa rasgada e todo sujo de terra?

HELIODORO É mesmo, tenente. Quando a gente vinha ali pelo Comércio, subindo pra Rua do Barateiro...

JUENAL Primeiro, a gente desceu da sopa, aí com o corpo do delito.

HELIODORO Isso não interessa, praça. Defronte do Mercado, tinham uns camaradas com um boi brabo.

JUENAL O boi era preto e branco.

HELIODORO Preto e branco, mas isso não vem ao caso.

TEN. GUEDES E por que é que vocês pensam que essa história toda me interessa? Citonho! Meta esse afoito na chave.

LELÉU (*meio desafiador*) Ia pra bem dez ou oito anos que eu não topava um boi, delegado. O boi largou-se e partiu pra cima dum homem, delegado.

TEN. GUEDES Meta esse cara nas grades!

LELÉU Um homem que eu nunca vi na vida. Ele puxou o revólver...

TEN. GUEDES Você viu se ele tinha porte de arma, Heliodoro?

HELIODORO Me esqueci, tenente.

TEN. GUEDES Você está dando pra relaxado.

HELIODORO Numa hora daquela, eu ia lá me lembrar disso.

LELÉU Ficou de revólver na mão, delegado, sem saber onde é que atirava, porque com certeza nunca atirou num boi. Então eu agarrei o bicho, delegado, me enrolei com ele, fui com ele no chão. E já vai pra dez anos, que deixei de topar boi.

JABORANDI Mas eu perdi essa!

HELIODORO Foi bonito. Ficou assim de gente.

TEN. GUEDES Citonho, cumpra minhas ordens.

CITONHO Qual é a cela, tenente?

TEN. GUEDES A cela dos homens.

Citonho vai cumprir a ordem, hesitante. Pára à entrada de Lisbela.

LISBELA Onde está meu pai?

TEN. GUEDES Que é que há? Não já disse que não gosto de você por aqui?

LISBELA Meu pai, a Vitória está parecendo uma terra sem dono. (*Vendo Leléu.*) Ah, o senhor!

LELÉU Visitando os amigos.

LISBELA Agora, vamos ter sossego lá em casa.

LELÉU Queira Deus.

LISBELA Então, lhe prenderam de novo.

LELÉU Me prenderam, dona, mas eu acho que valeu a pena. Só poder ver a senhora outra vez!

TEN. GUEDES Você não tem o que fazer aqui, Lisbela. Pode voltar, não fale com esse homem.

LISBELA O que é que tem? O senhor não achou que podia levá-lo lá pra casa?

TEN. GUEDES Aquilo foi um erro. Um erro triste.

LISBELA Quero que ele saiba de uma coisa: eu fui contra aquela história de levá-lo.

LELÉU Por quê?

LISBELA Não era direito.

LELÉU (*com alívio*) Ah, sim! Com isso, me contento. Mas fiquei triste quando não lhe vi naquele dia. A senhora, no circo, tinha me batido tantas palmas!

TEN. GUEDES Vá pra casa, Lisbela.

LISBELA (*Sem dar-lhe atenção.*) Como é que você pode se lembrar de mim? Todo mundo bateu palmas.

LELÉU Eu só ouvia as da senhora, moça. Num domingo de tarde. A senhora estava na segunda fila de cadeiras, de blusa branca e uma fita verde no cabelo. Eu vi.

TEN. GUEDES Citonho, pela última vez, (*forte*) meta esse demônio na cela.

LELÉU (*aéreo*) Que sela, tenente? Eu vou andar a cavalo?

TEN. GUEDES Eu digo cela com c-cedilha. (*ã filha*) E você, casa.

Não me apareça mais aqui. (*Ela vai saindo.*) De que era que você vinha queixar-se?

LISBELA Esfregaram nas pedras um boi que meu padrinho me mandou. Presente de noivado.

TEN. GUEDES Espere: o boi era seu?

JUVENAL Um boi preto e branco?

LISBELA Como é que vocês sabem?

JABORANDI Coitado do bichinho.

LELÉU Coitado por quê? Coitado que nada! Eu é que sei a força que ele tem. Quase acaba comigo.

LISBELA Foi você, então.

LELÉU Fui eu, moça. Mas se soubesse que era seu, juro como tinha pegado um pouquinho mais devagar.

JUVENAL O boisão é brabo como diabo, Dona Lisbela. Ia matando um homem. Um homem de calça marrom e paletó branco.

DR. NOÊMIO (*entrando*) Lisbela! Isso tem jeito? Isto aqui é lugar para você?

LISBELA Eu já ia saindo.

DR. NOÊMIO Mas não devia ter vindo. Aliás, precisamos conversar seriamente. Será que não há jeito de você obedecer-me? (*com displicência*) Como vai, tenente?

TEN. GUEDES Mais ou menos, doutor. O que é que há com a menina?

DR. NOÊMIO Assunto particular. Falaremos mais tarde.

LISBELA É sobre as minhas refeições, meu pai. Ele acha que me alimento mal.

DR. NOÊMIO Pois bem. Já que você falou, é isto. Tenciono pôr filhos sãos no mundo, tenente. Garotos robustos, alegres, cheios de força e saúde.

PARAÍBA (*com voz de falsete*) Com essa cara?
Risadas.

TEN. GUEDES (*a Testa-Seca*) Que falta de atenção é essa?

TESTA-SECA Fui eu não, tenente. (*Apontando Paraíba.*) Foi ele.

PARAÍBA Pra que você não sustenta o que diz?

TESTA-SECA Você não é besta não? Não foi você que falou?

Leléu observa-os agudamente.

TEN. GUEDES Silêncio!

DR. NOÊMIO Lisbela, vamos. Eu não digo a você que isto não é ambiente?

TEN. GUEDES Doutor, o senhor compreenda. Nós não somos ricos. De modo que não podemos luxar. Mas lá em casa, graças a Deus, ninguém nunca passou fome.

DR. NOÊMIO Não se trata de quantidade, Tenente Guedes. E sim de qualidade.

CITONHO Doutor Noêmio, desculpe a indiscrição. Andaram me falando de uma coisa, mas eu não quis de maneira nenhuma acreditar. Me disseram que o senhor é de uma raça que só come folha.

DR. NOÊMIO Pois pode acreditar. Sou vegetariano e tenho muito orgulho disto.

CITONHO Mas a gente vê umas neste mundo! Não está vendo que tomate e xuxu não dão sustança a ninguém! Agora: feijão, farinha e carne, sim, isso é que é comida. Olhe aqui eu. Estou com mais de oitenta anos, só não como carne na Sexta-Feira da Paixão — e olhe lá... Resultado... uma saúde de ferro: estou tinindo.

DR. NOÊMIO Isso é o que o senhor pensa. Seu corpo está envenenado, meu velho, com toxinas até na ponta dos cabelos. Até na sombra.

CITONHO Envenenado ou não, saúde aqui... como é que diz, esse menino?

JABORANDI É mato.

CITONHO É mato. Agora se veja o senhor no espelho. Com essa cavilação de não comer carne, já está verde e fino que parece uma folha de alface.

Risada de Jaborandi e Paraíba.

TEN. GUEDES Citonho, eu não estou lhe conhecendo. Você parece que está mas é começando a caducar, sabe?

CITONHO Pois não estou, que na minha família ninguém caduca cedo.

TEN. GUEDES E você acha isso cedo?

DR. NOÊMIO Lisbela! Vamos ou não vamos?

TEN. GUEDES Doutor, eu vou cuidar desse negócio da comida. Tenha um pouco de paciência com Lisbela. A menina é ainda muito nova, não conhece bem a vida.

CITONHO Olhe aqui, Doutor Noêmio, eu tenho pra quase noventa anos.

TESTA-SECA Mentira danada.

PARAÍBA Daqui a pouco, ele completa cem.

CITONHO Ou cem ou dezessete, pode acreditar no que eu digo: esse aí não vai mudar é nunca.

TÃOZINHO *(Na entrada. Vem com um pau nas costas, atravessado, cheio de gaiolas com passarinhos.)* Dá licença?

CITONHO Vá entrando, rapaz. A casa é sua.

TÃOZINHO Agradecido, meu tio.

CITONHO Não tem de quê. Vá arriando a carga.

O homem dos passarinhos obedece.

TÃOZINHO Quem é aqui a maior autoridade?

TEN. GUEDES Pronto, eu. Que é que o senhor quer?

TÃOZINHO É voincê o inspetor do quarteirão?

HELIDORO Tenha respeito, senhor. Aí é o delegado.

Risos dos presos.

TÃOZINHO Seu delegado, eu vim fazer uma queixa muito séria.

TEN. GUEDES Então vá falando, que eu não tenho tempo a perder. Heliodoro e Juvenal, podem ir para casa descansar.

Os dois fazem continência e saem.

TÃOZINHO Voincê conhece uma mulher chamada-se Francisquinha do Antão?

TEN. GUEDES Não, não conheço.

TÃOZINHO Voincês todos sejam testemunhas. Conhece um homem chamado-se Raimundinho, um que tem sítio no Cajá?

TEN. GUEDES Também não conheço. Mas desse jeito, você não acaba nunca a história. Que foi que houve?

TÃOZINHO Eu lhe conto. Aquilo é um lugar danado de bom pra passarinho. Pois nesse vai, nesse vem, conheci Francisquinha e Francisquinha também me conheceu.

TEN. GUEDES Mas espere aí, o que é que essa tal de Francisquinha é desse tal de Raimundinho? São crianças?

TÃOZINHO Crianças? Crianças daquele jeito...

TEN. GUEDES E por que é que se chama tudo Francisquinha, e Raimundinho, pra que esses diminutivos, esses "inhos"?

TÃOZINHO É um denguinho, chefe. Eu também me chamo, sabe como é que eu me chamo? Sebastião. Nome horroroso. Mas felizmente, tem um apelidozinho que salva tudo.

CITONHO Qual é?

TÃOZINHO Tãozinho.

Alguns riem.

TESTA-SECA Isso é lá nome de homem.

TÃOZINHO Esse daí é da família?

TESTA-SECA Está me aleijando?

TEN. GUEDES *(a Tãozinho)* Sabe que você está enchendo? Que é que você pretende, afinal de contas?

DR. NOÊMIO Diga-me uma coisa: o senhor não precisa de um advogado?

TÃOZINHO Deus me livre. Meu negócio é aqui com o delegado.

DR. NOÊMIO Então vamos, Lisbela.

LISBELA Meu pai, o senhor se lembra quando eu fiz 13 anos e meu padrinho me deu um galo de campina?

TEN. GUEDES Se me lembro. Toda madrugada o desgraçado só faltava estourar os meus ouvidos. Dei graças a Deus que ele empacotou.

LISBELA Queria que o senhor me desse outro.

TEN. GUEDES Outro?

LISBELA *(a Tãozinho)* Você tem?

TÃOZINHO Tenho. Mas, falar verdade, não é de primeira. No mês passado, sim. Vendi um desse que diz padre-filho-espí-

rito santo. Mas isso é muito vasqueiro. Agora curió, eu tenho bom. Tenho um que canta vovó-viviu, que eu não dou por trezentos cruzeiros.

LISBELA Vovó-viviu?

TÃOZINHO E repete mais de quinze vezes. Bicho de valia.

LELÉU Você não tem nenhum que diz viviu-tetéu?

TÃOZINHO Ah! E voincê também entende disso?

LELÉU E eu não já vendi passarinho? Mas meu negócio era mais com canário de briga.

TÃOZINHO Ah! Um dia desse... No ano passado. Vendí um pe-ruzinho, sabe qual é, não sabe? Desse canário que quando bate fogo, levanta o rabo mais alto do que as asas...

LELÉU ...E fica nas pontas dos dedos.

TÃOZINHO Isso! Pois quem me comprou, já ganhou pra mais de cinco contos.

DR. NOÊMIO Lisbela, vamos.

LISBELA Compre um curió pra mim.

DR. NOÊMIO Não, Lisbela, eu não gosto de ver animais presos.

CITONHO Por que, doutor?

DR. NOÊMIO Porque isso é malvadez. Os animais foram feitos para viver em liberdade.

PARAÍBA E como é que o doutor está me vendo aqui preso e nem se importa?

LELÉU E como é que ajudou a me botar na cadeia?

DR. NOÊMIO Você é animal? Vocês são criminosos. Já os animais não merecem, de maneira alguma, ser mortos nem presos. Fazer isto é uma estupidez. Uma selvageria.

TÃOZINHO Pois no meu fraco entender, o doutor pode entender de leis, mas não entende disso.

CITONHO Boa!

TEN. GUEDES (*a Citonho*) Que modos são esses?

LELÉU Estou com você, Citonho.

DR. NOÊMIO Lisbela, vamos. Você é minha noiva, não deve opor-se às minhas convicções. As convicções do homem devem ser, *optarum-cause*, as de sua esposa ou sua noiva.

LELÉU Não pense como ele, dona.

DR. NOÊMIO Cale o bico!

LELÉU Não aceito esse pensar. Compaixão de bicho, por quê? Pra que é que são os bichos? Pra gente derrubar com tiros, pegar com armadilhas, sangrar, montar neles, botar carga, sela... O homem é o senhor das coisas, doutor. Ter compaixão de bicho, é vício.

CITONHO Pra que serve uma galinha gorda? Cabidela!

LISBELA Vai comprar o passarinho pra mim?

DR. NOÊMIO Vou. Por quanto o senhor vende todos?

TÃOZINHO Tudo?

LISBELA Por que você vai comprar todos? Eu só pedi um.

DR. NOÊMIO Vou soltá-los.

LELÉU (*grita*) Não!

DR. NOÊMIO Não, por quê? Tenente, isto aqui é uma casa de loucos?

LELÉU Não venda, Tãozinho. Não deu trabalho de pegar os passarinhos?

TÃOZINHO Deu.

LELÉU E você vai vender, pra esse homem soltar o que você prendeu? É seu trabalho, foi você que pegou os passarinhos.

DR. NOÊMIO Quanto quer?

LELÉU Não venda! Seja homem, não desonre o seu trabalho. Pense nisso, Tãozinho. Suas armadilhas, sua espera, sua alegria quando os passarinhos foram presos. E de repente...

TÃOZINHO Sabe que você está certo? Não vendo não, doutor. Pra soltar, não vendo não.

CITONHO Gostei de ver, gostei de ver.

TEN. GUEDES Idiotas!

DR. NOÊMIO Vocês são uns bárbaros. Vamos, Lisbela.

Ela hesita e sai com ele.

TEN. GUEDES Será que o senhor vai me dizer agora pra que é que veio?

TÃOZINHO Confusão danada! É o seguinte: Francisquinha era a mulher de Raimundinho. Com esse negócio de passar por lá,

copinho d'água... tomar uma fresquinha... sente um pouquinho... Seu Tãozinho pra lá, Dona Francisquinha pra cá, a gente se simpatizou.

LELÉU Bonita, ela?

TÃOZINHO Se é? Se é? E então? Mulher feia e urubu, comigo é na pedrada.

LELÉU (*rindo*) Ah, ah, você é dos meus.

TÃOZINHO (*entusiasmado*) É ou não é? Mas a história é que um dia, a gente estava os nós dois numa baixa de capim e Raimundinho pegou.

TESTA-SECA Mas é cada sujeito de sorte nesse mundo.

TÃOZINHO Foi chato. Sabe que foi chato? Ela estava me dando cafuné.

CITONHO Na baixa de capim, rapaz? Que história é essa? Tenha modos.

TEN. GUEDES E que foi que ele fez?

TÃOZINHO Quando eu vi, foi aquela cara em cima de mim. Uma cara larga! Aí, ele cruzou os braços e disse: "Mas me diga mesmo, tem jeito uma coisa dessa?" Eu digo: "Não". E tinha? Não tinha. O jeito que teve, foi ela deixar o marido e ir morar comigo.

TEN. GUEDES Muito bem. Quer dizer que o senhor enfeita o homem, leva a mulher dele e depois vem fazer queixa na delegacia. Muito boa, essa!

TÃOZINHO Não foi disso que eu vim fazer queixa, não.

TEN. GUEDES E de que foi, então? O senhor quer me fazer de besta?

TÃOZINHO Deus me livre e guarde. A queixa é que ela foi pra minha casa com a roupa do couro. Vestido, chinelo, camisola, ficou tudo na casa do seu Raimundo. Quando é ontem, eu fui lá buscar a roupa e ele, com licença da palavra, me jogou um capitão cheio. Saí de lá ensopado e com o cheiro mais horroroso do mundo.

CITONHO Que coisa horrível! Capaz de pegar uma constipação.

TÃOZINHO E ainda disse que se eu voltar lá, vai ser muito pior.

TEN. GUEDES O senhor quer que eu lhe diga? Ele ainda fez pouco. Se fosse eu, que Deus me defenda, eu dava mas era um tiro desse tamanho na sua cara.

TÃOZINHO Mas seu delegado, veja se isso está direito. Eu tenho a mulher e ele tem a roupa. Pra que é que serve a roupa sem a mulher?

LELÉU Mas já a mulher, só serve mesmo é sem roupa.

Risadas.

TEN. GUEDES Silêncio!

Calam-se. Fica Citonho ainda rindo.

CITONHO Qui, qui, qui... Quer dizer que deu tudo certo! Qui, qui, qui...

TEN. GUEDES Seu Citonho! Dê-se a respeito. O senhor, um velho!

CITONHO E todo velho é obrigado a dar-se a respeito? Será possível que velho não tenha o direito nem de ser sem-vergonha? Qui, qui, qui... Essa foi boa. Vou lá fora, tomar um deforete. (*Citonho sai.*)

TÃOZINHO Esse velhinho parece que é meio assanhado.

TEN. GUEDES Olhe aqui. Pegue sua passarinhada, bote nas costas e me desapareça daqui. Não tomo conhecimento de sua queixa. E se você aparecer de novo com essa história, meto-o no xadrez, com gaiolas e tudo.

TÃOZINHO Quer dizer que vou ficar desamparado?

TEN. GUEDES Jaborandi, chama Citonho pra meter esse camara-da aí em cana, por desacato à autoridade.

TÃOZINHO Espere aí, moço. Não chama não. Que é que vai ser de mim aqui, com Francisquinha solta. Ave Maria! Do jeito que ela é... (*Faz gestos de despedida e sai.*)

TEN. GUEDES Pare de lustrar essa corneta. Que chateação! (*Jaborandi vai guardar a corneta.*) Já que você gosta tanto de lustrar, vamos até lá em casa que eu tenho um servicinho pra fazer.

LELÉU Tenente! Vou ficar só? Nem um praça aqui?

TEN. GUEDES Você está seguro. Não vem bicho nenhum lhe pegar. Adeus. (*Sai com Jaborandi. Os presos ladeiam Leléu.*)

TESTA-SECA Como foi de viagem? Dessa vez, ela era gorda ou magra?

PARAÍBA Não alisa não, Testa-Seca. O tempo é pouco.

LELÉU Tem pouco tempo de quê? Pouco pra quê?...

PARAÍBA Você gosta mesmo de mulher, Leléu! Muito? Nunca teve vontade de ser uma?...

TESTA-SECA Vamos agarrar esse cabra de uma vez.

LELÉU Que é que vocês têm contra mim?

TESTA-SECA Você é falso. Tinha prometido aqui fugir com nós e foi embora só.

LELÉU Foi uma oportunidade. Eu ia perder? Vocês perdiam?

TESTA-SECA Paraíba. Vamos agarrar esse peste e abrir as pernas dele. Meto-lhe o joelho na estroenga, pra quebrar tudo. De hoje em diante, cabra, você vai ser mulher de nós dois.

LELÉU Se vocês tocarem em mim, vão se arrepender. Tenho os dentes fortes. Na hora que eu pegar os dois dormindo, corto de um em um as veias do pescoço. Uma veia não é mais dura do que uma corda. E eu parto uma corda nos dentes, vocês já viram.

TESTA-SECA Então, vamos quebrar os dentes dele. Meu tabefe é mais forte, Paraíba. Você segura e eu parto, de murro, os dentes desse cachorro.

Luta. Entra Frederico Evandro, acompanhado de Citonho.

CITONHO Você não se apresenta, rapaz. Não diz quem é, nem nada.

FREDERICO Vou lhe avisar uma coisa, velhinho. Não gosto de poesias pra meu lado. Comigo é na inhanha.

CITONHO E que é que eu tenho com isso? Não pode entrar assim na delegacia.

FREDERICO E é delegacia isso aqui? Pensei que era um albergue. Quero falar com um rapaz que chegou hoje.

CITONHO Mas o que é que o senhor é?

FREDERICO O que é que eu sou? Alagoano e homem. Pronto. Mostre agora o rapaz.

CITONHO O que é que o senhor quer falar com ele?

FREDERICO Deixa de ser abelhudo, velho, ôxe. Que enjôo esse!

LELÉU Foi ele, Citonho. Foi ele, o do boi bravo.

FREDERICO Ah! lá está você no meio dessa cachorrada. Vê-se logo que esses dois são gente sem expressão. Tudo com cara de quem não faz carreira. Mas que velho danado de abusado, junto de mim que nem uma peitica, atrás de saber minha graça. Frederico Evandro. Ouviu falar?

CITONHO Não.

FREDERICO Mas ninguém me conhece por meu nome cristão. Como Vela-de-Libra é que sou conhecido e respeitado. E você, esse menino, qual é a sua graça?

LELÉU Por ora, Leléu Antônio da Anunciação.

FREDERICO É um santo nome. Leléu Antônio da Anunciação, acho que você salvou a minha vida. Porque eu morria, mas não corria. Por nossa Senhora da Conceição, eu não corria.

CITONHO E por que é que você tem um nome tão bonito, de Frederico Evandro, e é mais conhecido como Vela? Vela-de-Libra! Que nome esquisito!

FREDERICO Em toda minha vida, você foi o velho mais perguntador, mais metediço, mais aborrecido que encontrei.

LELÉU É porque o senhor ainda não conhece. Mas Citonho é coisa boa.

FREDERICO Vou lhe dizer, velhinho. Meu nome é Vela-de-Libra, por causa da minha religiosidade. Toda vez que sou forçado a sacar a moela de um cristão, vou na primeira igreja que encontrar, acendo uma vela de libra e rezo um padre-nosso pela alma dele.

CITONHO Mas sacar a moela, por quê? Que negócio é um?

FREDERICO Por encomenda. Pode haver serviço mais maneiro que matar gente? Se trabalha pouco e ganha muito.

CITONHO Nossa Senhora! E você tem mesmo coragem de matar um filho de Deus, sem motivo nenhum, rapaz?

FREDERICO Coragem, não tenho não. Eu tenho é costume. (*Citonho afasta-se benzendo-se.*) Escute aqui, menino. Você é muito homem. Você me viu com o pau-de-fogo na mão?

LELÉU Se vi!

FREDERICO Pois foi coragem muita. Você se meteu entre a cruz e a caldeirinha. Dum lado, os chifres do boi; do outro, o meu 38. Você podia morrer de duas mortes.

LELÉU Isso é que não, chefe. A morte é cobrador muito sério: não dá documento, mas só recebe uma vez.

FREDERICO Você me parece que é corajoso e sabido. É bom de-ver favor a um homem de coragem, porque quem tem cora-gem, não gosta de viver pedindo ajuda. Mas dever favor a um sabido, é o mesmo que dormir de porta aberta. O que é que você quer em pagamento?

LELÉU Muita bondade sua.

FREDERICO Deixe de dengo, rapaz. Manda o serviço. Pra quem é que acendo uma velinha?

PARAÍBA (*a Leléu*) A gente agora pode ficar de bem. Pede a ele pra agarrar o velho, tomar a chave e abrir esta pinóia. Vamos cair fora.

FREDERICO Não peça covardia. Olhe aí, Antônio da Anunciação, eu não disse que esses dois cabras não têm estilo?

CITONHO Boa! O senhor é decente.

FREDERICO Não quero chaleirismo. (*a Leléu*) Nem posso perder tempo, vamos falar claro. Você não tem inimigos?

LELÉU Tenho.

FREDERICO E qual é o maior? Pinte e diga o nome, estabeleça o lugar e deixe comigo.

LELÉU Que diabo de favor é esse que o senhor quer fazer? Quer matar um homem?

FREDERICO Cada um dá o que tem. Se eu tivesse aprendido a fa-zer renda, trazia uma peça de bico pra você. E depois, pra mim é até bom; faz cinco anos que a lua não me vê, de for-ma que ando seco por uma ocupação.

LELÉU Não tenho ocupação para o senhor.

CITONHO Que história é essa de cinco anos com a lua sem lhe ver?

FREDERICO Deixe de ser burro, velho. Paguei uma sentença. Ora que esse velho não entende nada.

LELÉU O senhor pode seguir o seu caminho. Não me deve fa-vor, coisa nenhuma.

FREDERICO Diga um nome, rapaz. Pode ser o juiz. O promotor. Você me dá o nome, o jeito, e eu saco-lhe a moela. Como é? Diz ou não diz? Você tem inimigos?

LELÉU Não. Não tenho.

FREDERICO E como é que está metido aí? E ainda agora não me disse que sim?

LELÉU Tenho, mas quero todos vivos. Um homem deve ter ini-migos. Por que houvera de querer matá-los? Assim, eu tam-bém ia matar a morte, e a doença, delegados safados, ia ma-tar a velhice e a covardia, chefe. Deixe meus inimigos vivos. Quero meus inimigos vivos.

CITONHO Muito bem, Leléu. Assim é que se faz. Você falou pouco e bom. Merecia até umas palminhas.

LELÉU É ou não é, Citonho?

FREDERICO Essa alegria é caduquice, velho. (*a Leléu*) Mas eu vou tomar sua soberba em consideração. Hoje mesmo eu vou em Glória do Goitá, receber dinheiro de um freguês. Dinheiro velho, que já deve ter crescido. Depois, eu tenho de ir na Boa Vista, que fica meio longe, é quase na fronteira com a Bahia. Vou lá tomar direitinho umas informações, quero re-solver um caso de família. Mas quando vocês menos espera-rem, eu volto por aqui. Até qualquer dia.

CITONHO Jesus Cristo e a Virgem Maria lhe acompanhem.

FREDERICO (*voltando*) Leléu Antônio da Anunciação: se mal per-gunto, você, um rapaz tão fagueiro, por que é que está cum-prindo pena aqui?

LELÉU É uma pena de amor.

FREDERICO E tem dessa, é? Eu não sabia.

TESTA-SECA Defloramento. Esse cabra tem não sei quantos nas costas.

FREDERICO Mas o quê! Quem diria. Isso, menino, é um vício muito feio. Pois eu já tenho esfolado meia dúzia de cabras-de-peia, tenho acendido uma porção de vela, rezado um estendal de padre-nossos, dado muita pisa, mas bolir com moça, isso eu nunca fiz.

LELÉU Esse mundo é assim mesmo. Cada qual tem seu gosto.

FREDERICO Mas o seu é muito perigoso. Também me esqueci de perguntar. Qual é a sua ocupação?

CITONHO Anda no arame e é bom que é danado no serviço.

FREDERICO Você nunca esteve num lugar chamado Boa Vista?

LELÉU Que eu saiba, não.

FREDERICO É um lugar muito macho, nem todo mundo se agrada. Basta dizer uma coisa: lá só se vende gravata preta.

CITONHO Oi! E por quê?

FREDERICO Porque todo mundo sempre está de luto de algum parente que morreu na faca.

LELÉU Então, é bom, é terra que endurece o coração. Pior é Caruaru, que amofina gente e bicho. Sei de um camarada que criou lá uma onça; a onça terminou tão avacalhada, que bebia leite num pires, feito gato.

FREDERICO Eu já ouvi falar nesse negócio. Será verdade? Se for, não quero nem passar pela vizinhança. Mas vou chegando, que já pratiquei demais.

TESTA-SECA Chefe! Reze um padre-nosso pra nós três.

FREDERICO Eu só rezo pra defunto. Interessa? Liás, cabra safado não serve pra morrer, só serve pra apanhar. E apanhar entre os bicos dos peitos e o caroço do imbigo, que é pra não deixar marcas da surra. Ah, nós três num deserto: eu, você e um cacete de quixaba! Porque quixaba é o chá melhor que existe no mundo, pra pancada. Assim, pra ganhar tempo, a gente dá logo a pisa com quixaba, porque está dando o castigo e o remédio. Mas já gastei muita cera com você. Anunciação, até breve. *(Retira-se, seguido de Citonho.)*

TESTA-SECA Oxente! Que sujeito mais bruto. Chegou me dar um frio na espinha, quando ele falou nessa história de rezar.

LELÉU E agora? Vocês não querem me quebrar os dentes? Não querem me beneficiar? Hein? Vamos. Eu agora estou é com tudo. Uma fera dessa por mim, eu só vou ter aqui do bom e do melhor. *(Ri, gozando a situação.)*

2º ATO

Leléu, com apetrechos de limpeza, conversa na calçada da cadeia com o Cabo Heliodoro, que está armado de rifle.

HELIODORO Você não sabe que eu não sou sargento? Por que não chama Cabo Heliodoro?

LELÉU É porque o senhor tem toda a pinta do sargento.

HELIODORO Conversa!

LELÉU Esse mundo é assim. O sujeito nunca é o que nasceu pra ser. O senhor é cabo, mas nasceu pra ser sargento.

HELIODORO E você, Leléu? Você nasceu pra quê?

LELÉU O senhor sabe o que eu queria ter, sargento? A força dos touros. O aprumo de um cavalo puro-sangue. Ser bom e doce para as mulherinhas, como as chuvas de caju que caem de repente, no calor mais duro de novembro. E livre, Sargento Heliodoro. Como o vento num pasto muito grande.

HELIODORO Você às vezes tem um jeito enfeitado de falar. Essa é a minha desgraça, não sei dizer uma coisa desse jeito.

LELÉU Livre... Você não queira saber como invejei Paraíba e Testa-Seca, essas duas semanas, quando um saía da cela pra fazer a faxina. Imagine você, Sargento Heliodoro, invejar duas pestes daquelas. Só porque podiam ver o céu em cima da cabeça deles.

HELIODORO Ora, isso não quer dizer nada. Porque todo mundo tem inveja de você. Até o tenente. Vou lhe dizer mais: até eu.

LELÉU Inveja de mim? Vocês! Soltos!

HELIODORO Pra mim, pelo menos, isso de estar solto não adianta é nada.

LELÉU Você está livre, senhor. Isso é pouco?

HELIODORO Estou livre, mas sou um desgraçado, Leléu. Se você soubesse da minha vida, era capaz de chorar.

LELÉU Ah, então não conte. Eu aqui já cheio de tristeza. Mas não será que se pode dar um jeito? Porque pra quase tudo neste mundo, há jeito.

HELIODORO No meu caso, não.

LELÉU Todo mundo diz isso. Mas eu mesmo, já encontrei remédio pra tanto caso sem jeito, que se lhe contar, você fica assombrado.

HELIODORO Você sabe que eu também tenho um fraco por mulher?

LELÉU E quem é que não tem? Se até gato fica mais dengoso, quando se esfrega em perna de mulher! Foi a última coisa que Deus fez, senhor. Ele já estava prático.

HELIODORO Mas eu tenho um pensamento comigo. É que Deus pode ter inventado a mulher, mas não tirou patente. Porque tem umas que só podem ter sido feitas pelo diabo. E é sempre com essas que a gente se casa, isso é que é de morte.

LELÉU Mas Heliodoro, que tristeza! Eu fazia de você um homem bem casado!

HELIODORO Ora bem casado. A mulher parece um papagaio.

LELÉU É verde?

HELIODORO Quisera eu. Fala sem parar, é pior do que um rádio. De manhã à noite. E de uns tempos pra cá, pegou uma mania. Diz uma coisa, mas só pela metade, e fica atrás, feito uma peitica, atanzando pra gente perguntar por quê. Diz assim: "Vou deixar de comer carne de charque, Dorinho. Pergunte por quê".

LELÉU Quem é Dorinho?

HELIODORO Não sou eu? E eu tenho de perguntar: "Por quê?" Aí, ela diz. Há quem agüente, seu Leléu? Dá vontade de arranjar outra mulher.

LELÉU Dorinho, fale com sinceridade: você está de olho em alguma mulher fora de casa. Está ou não está? Conte esse negócio direito.

HELIODORO Oh, homem danado. Pois não é que estou mesmo? Mas não tem jeito não. A mãe dela é uma caninana.

LELÉU As duas sabem que você tem mulher?

HELIODORO Sabem. E o diabo da velha diz que só me entrega a moça, se o casamento for feito por um padre. Nem que seja escondido. Porque eu disse que só era casado no cartório. Mas eu sou é amarrado dos dois lados.

LELÉU Aqui não tem nenhum padre camarada?

HELIODORO Camarada... Cantei um e ele me deu um esbregue tão danado, que só em pensar as orelhas ficam ardendo.

LELÉU Você pode perder, Dorinho, uns três contos de réis nesse negócio? Pergunte por quê.

HELIODORO Por quê?

LELÉU Porque se pode, talvez a gente arranje um padre e amance a velha. Já pensou?

HELIODORO Você está brincando.

LELÉU Diga se pode.

HELIODORO Eu empenhava até a alma.

LELÉU Pra mim, Heliodoro, eu não queria nada. Só uma corda pra eu andar em cima. Tenho pensado nisso. Eu amarrava nos armadores da rede e todo dia dava meu treininho. Quando saísse daqui, não estava tão fora de forma. Podia arranjar um lugar em qualquer circo.

HELIODORO Ah, isso não. Uma corda? Quem já viu preso com corda? É capaz de vocês se enforcarem um o outro.

LELÉU Então, Heliodoro, nada feito.

HELIODORO Só por isso? Por causa de uma corda? Não tem outro serviço que eu pudesse fazer?

LELÉU Tem um... Conseguir que Lisbela de Nogueira venha aqui, neste mesmo lugar, tarde da noite, quando todo mundo já estiver dormindo. Um dia que você esteja de plantão.

HELIODORO Meu Deus! Você é doido mesmo. E eu aqui conversando com um doido!

LELÉU O que eu peço é fácil, Heliodoro. Ela foge de casa depois de meia-noite, e vem. Sei que vem. O negócio é você falar com ela. Conheço aquele sangue, aquele jeito de olhar. Você promete? Eu tenho sorte, sargento, a vida é minha mãe. Se estou preso aqui, é porque alguma coisa grande vai acontecer. Ajude a vida, sargento, que eu ajudo você.

HELIODORO Mas será que você arranja mesmo...

LELÉU Deixe comigo.

HELIODORO Bom, u'a mão lava a outra. Mas vai ser arriscado como diabo.

LELÉU Sargento Heliodoro, veja esse mundo como é atravessado. Você acha impossível, na franqueza do dia, me trazer uma corda; mas talvez me traga aqui, de noite, uma virgem donzela.

TESTA-SECA Olhe essa conversa! Essa faxina acaba ou não acaba? PARAÍBA Estão noivando?

HELIODORO Leléu, você não está me enganando?

LELÉU Que é isso, sargento? Eu sou homem de enganar ninguém?

HELIODORO Bem, vamos pra dentro.

LELÉU Deixe eu respirar um bocadinho.

HELIODORO (*alto*) Não senhor, não tem que respirar coisa nenhuma. Vamos respirar agora no xadrez! Citonho!

CITONHO (*Aparecendo seguido de Jaborandi.*) Oi! Ô, cabra leso danado! Só pensa em fita de série. Esse daí, se o cinematógrafo deixasse de existir, ele morria.

JABORANDI Gosto, sim. E é nada de mais?

CITONHO (*Trancando Leléu.*) Cabo Heliodoro, sabe o que é que o praça Jaborandi estava me propondo? Me ensinar corneta, pra eu tocar silêncio e ele poder ver a série, sossegado. Só quem está doido! Um velho como eu, com os beiços moles que não acerto nem mais a tomar a canja, bancar o corneteiro.

HELIODORO Respeite a velhice, praça. Você parece que não tem sentimento.

JABORANDI Eu estava brincando, Seu Cabo.

LELÉU Jaborandi parece uma leseira. Tem um jeito, rapaz, pra você assistir a série sossegado.

JABORANDI Tem nada. Você quer é abusar comigo.

LELÉU Olhe aqui. A sua obrigação não é tocar silêncio?

JABORANDI É.

LELÉU O negócio é o delegado ouvir, não é?

JABORANDI É.

LELÉU Pois você leva a corneta pro cinema. Quando chegar a hora, você sai e toca silêncio na calçada. Não precisa correr até aqui e sair correndo de novo pra pegar a série. Está vendo, cabo? Resolvo logo a parada.

JABORANDI Mas é mesmo! Pode ser assim, Seu Cabo?

HELIODORO Eu não tenho nada com isso. Você faça o que entender. Mas se lembre que o Tenente Guedes Lima é parada indigesta. (*Guarda o fuzil com que vigiava Leléu.*) Bem, vou fazer a ronda por aí. (*Olha-se num espelhinho de bolso e sai.*)

JABORANDI Esse Leléu é os pés da besta. Tocar silêncio no cinema... Mas eu acho que dá certo.

TESTA-SECA Você vai é atolar seu carro.

LELÉU Atolar, por quê? Ai, que ele é do mato.

JABORANDI Não é? Está feito menino?

TESTA-SECA Menino, uma ova.

CITONHO Vocês sabem que mais? Esse cabo não anda bom dos miolos. Deu pra se achar bonito. Toda vez que sai, se mira no espelhinho. E vive agora numa agonia, que não pára na delegacia.

LAPIAU (*Entrando, com um violão.*) Cadê Leléu Antônio?

LELÉU (*exultante*) Lapiau!

LAPIAU Rapaz! Pensei que nunca mais te via. Tudo azul?

LELÉU Tudo azul.

CITONHO Um momento, um momento. Preciso, primeiro, conhecer a sua identidade.

LAPIAU Minha o quê?

CITONHO Saber quem você é.

LAPIAU Sou um desgraçado dum artista de circo, que nem esse aí, que é meu irmão de opa.

LELÉU É meu amigo velho, Citonho. O nome dele é José, mas quase ninguém no mundo inda se lembra disso. É conhecido como Lapiáu.

CITONHO Eu não sabia que tem circo na cidade.

JABORANDI Nem eu.

LAPIAU Estamos chegando, a estréia é amanhã ou depois de amanhã. Botei o pé na Vitória, corri pra vir te ver. Vim te dar um abraço e trazer teu violão, rapaz.

CITONHO E você também toca violão?

LELÉU Arranho.

CITONHO Mas espere aí. Deixe-me ver se esse violão tem alguma lima, algum troço escondido por aí. *(Toma o violão, sacode-o, examina-o.)* É, não tem não. *(Dá o instrumento a Leléu.)* Vai tocar uma coisinha?

LELÉU Tem tempo, Citonho. *(Beija o violão.)* Deixe eu conversar com meu amigo do peito.

CITONHO O que é que você faz no circo?

LAPIAU Leléu, você não sabe o Capitão Blake? O cara dos cavalos? Arriou a lona e o mastro por uma mulher-dama, deu pra beber e me vendeu os cavalos. Agora estou como palhaço e também faço o número dos três cavalos. Não faço bem como o Capitão Blake, mas faço e a turma gosta.

LELÉU E quanto estão te pagando, aqueles miseráveis do Fekete?

LAPIAU Saí do Fekete.

LELÉU É mesmo. Vitória não está agora na rota do Fekete. Qual é a empresa?

LAPIAU Vim no Circo Alegria.

LELÉU Mas por quê? Eles não podem pagar como o Fekete.

LAPIAU Leléu: vim ganhando menos. Você sabe, nem tão cedo o Fekete passava na Vitória de Santo Antão. Mas o Alegria,

sim e eu queria ver meu companheiro velho. Lhe entregar o pinho.

LELÉU Assim é que se faz, Lapiáu. Você é amigo pra enganchar.

LAPIAU E não sou? Sou e sou. Mais vale um gosto do que cem mil-réis.

CITONHO Isso é uma coisa que o homem, quase sempre, só aprende depois que perde o faro. Quer saber de uma coisa, Leléu? Estou gostando dele.

LAPIAU Eu também estou gostando de você. Aliás, eu sou danado pra gostar de velho. Não vê que não tive pai? Acho que é por isso. *(Beija, com ar brincalhão, a testa de Citonho.)* A bênção, pai. A bênção pai.

CITONHO Deus te abençoe, cabeça de boi. *(Riem os dois e Leléu.)*

JABORANDI Essa, não. Citonho agora arranjou um pra abençoar. A bênção, pai Citonho.

CITONHO Eu tenho lá filho da sua qualidade? Um homão que só pensa em fita de série. Homem é esse!

LAPIAU Mas Leléu, nunca pensei que você ficasse em cana. Você tinha escapado de tantas.

TESTA-SECA De quantas? Isso é o que a gente quer saber. De quantas?

LAPIAU Quem sabe lá? De muitas. Qual foi o erro aqui, Leléu?

LELÉU Ela não tinha nem dezesseis anos. Quinze anos somente. E o pior é que eu sabia.

LAPIAU Quinze anos! Foi por isso que você nunca me disse nada?

LELÉU Foi.

LAPIAU E você queria bem a ela?

LELÉU Não. Nem isso. Eu vi um dia quando ela passou. Tão nova! Aqueles peitos rombudos. Peitos verdes. Aí, uma voz me disse: "Você só tem poder para as mulheres de vinte e oito anos. Ou de vinte e cinco. Pra uma assim você não existe". Então eu quis provar que isso era mentira. Um sinal de fraqueza, Lapiáu.

LAPIAU Leléu!

LELÉU E depois de tudo, não valeu a pena. Eu só queria chegar até a um certo ponto, só queria provar que a voz não dizia a verdade. Mas nesse ponto, me faltaram as forças e eu me desgracei, desgracei a menina, fiz um buraco na minha vida, estou aqui feito um peste. E não valeu a pena, te garantto. Foi tão fácil, menos de oito dias. Qualquer besta podia ter feito o mesmo. Ela é dessas mulheres que ninguém no mundo pode conquistar, porque não são donas delas mesmas, já nasceram dadas. Portas sem ferrolhos.

LAPIAU Ela tem vindo aqui?

LELÉU A família mudou-se. Eu só desejo é que ela não empre-nhe. Não pode dar filho que preste. Mas vamos pra diante, pra frente é que se anda. Eu já fiquei chorando no ombro do acontecido? Já fiquei?

LAPIAU Não.

LELÉU Também não choro agora. O que veio não vem mais. Eu tenho a goela dura, engulo a vida com as pedras, seu colega. Estou aqui vendo o sol nascer quadrado, gosto de Citonho, de Jaborandi, mas já fugi uma vez e vou fugir de novo, e desta vez não há quem me segure. Fujo e levo esses dois, mato o delegado de raiva, acabo com a carreira dele. Aquele filho da peste me bateu.

LAPIAU Foi mesmo?

JABORANDI Foi pouca coisa.

LELÉU Mas bateu, não bateu?

JABORANDI Foi.

LELÉU E podia?

JABORANDI Não.

LELÉU Covarde, Lapiau. Mas eu caio fora.

CITONHO Leléu! Acabe com essa conversa. Você está esquecido que eu sou o carcereiro.

LELÉU Não acabo não, Citonho. E sabe de uma coisa, Lapiau? Com você aqui eu criei foi alma nova. Está tudo azul. Coisa boa danada é te ver outra vez. E melhorado, trabalhando com cavalos. Te lembrás quando a gente trabalhava nos dramas?

LAPIAU Se me lembro? Ora se! Peça formidável era aquela: MEU ÚNICO PROGENITOR.

LELÉU E a Paixão de Cristo?? A Paixão de Cristo, rapaz. Aquilo é que era uma peça. Quarenta e oito atos.

LAPIAU Quarenta e seis.

JABORANDI Danou-se. Nem uma série.

CITONHO Mas espere, você também já trabalhou na ribalta, Leléu?

LAPIAU E era grande. Tinha uma peça que ele fazia o papel de Remorso e eu era o Crime. Quando a gente aparecia em cena, os dois, palma era lixo. Mas aquilo era uma peça de entortar o cano.

LELÉU O Filho Amaldiçoado.

LAPIAU Não, Maldito.

LELÉU Ah, sim. O Filho Maldito.

CITONHO Mas sim, senhor. O homem também já foi artista dramático! Afinal de contas, o que é que você ainda não fez na vida, rapaz? Pois eu estou velho que já perdi a conta, e desde que me entendo de gente, nunca fui outra coisa a não ser carcereiro. E carcereiro na cidade da Vitória, ainda tem mais essa. Ô, vida besta danada! Só o que muda é a cara dos delegados e o nome dos presos.

LELÉU Uma vez, Citonho, na Semana Santa, eu fui o Cristo e o jumento empacou, você já viu? Na entrada de Jerusalém. Cristo fazendo tudo que era de milagre, mas não havia jeito de tirar o jumento do lugar. Tive que entrar a pé em Jerusalém. E com uma raiva danada do jumento.

Risadas. Ouve-se, fora, uma altercação.

LAPIAU Que diacho é aquilo?

JABORANDI (*observando*) É o sujeito dos passarinhos, Citonho, num bate-boca da gota, com outro cara. Capaz de ser o tal de Raimundinho.

CITONHO Ai, ai, ai. Esse negócio ainda vai dar em confusão. Com licença, esse menino. (*Sai com Jaborandi.*)

LAPIAU Fique à vontade, meu tio. Que história é essa desses passarinhos?

LELÉU Não interessa. Quero te falar agora num segredo. O Circo Alegria também tem teatro?

LAPIAU Tem.

LELÉU Tem peça com padre?

LAPIAU Com padre, com frade, do jeito que você quiser.

LELÉU E tem alguma batina que sirva pra você?

LAPIAU Deve ter.

LELÉU Lapiau, quero fugir com esses dois. (*aos dois*) Mas vocês agüentem a mão, se querem bater asas. Nem uma palavra do que estou falando, que em boca fechada não entra mosca. (*ao amigo*) Nossa fugida talvez dependa disso: de você bancar o padre ou o frade. Acho que frade ainda é melhor. Peça três contos de réis pelo serviço.

LAPIAU Mas que serviço?

LELÉU Ao Cabo Heliodoro.

LAPIAU Não sei nem quem é esse.

LELÉU Já vem gente. Volta aqui amanhã. Vou escrever tudo direitinho num papel. Vem amanhã?

LAPIAU No duro. Ou talvez mande alguém, pra não dar na vista. Mas você tem papel?

LELÉU Isso eu arranjo.

LAPIAU Então, até, Leléu.

LELÉU Até.

Lapiau sai.

TESTA-SECA Que plano é esse?

LELÉU Mais tarde eu conto a vocês.

TESTA-SECA Se você pensa que me enrola, está muito enganado.

LELÉU Mais tarde eu conto tudo, mas a nossa escapada depende do segredo. Não caiam na besteira de falar. Lá vem o praça.

JABORANDI (*entrando*) O tal do Raimundinho, rapaz, fazendo uma confusão aloprada, mas quando o vendedor de passarinho falou em resolver o caso na delegacia, ele saiu que saiu chachando. Mas tem gente que já tem medo de polícia!

LELÉU Oi, não? Quem está pronto pra levar caçambada?

JABORANDI Mas também não é assim, Leléu.

LELÉU Não é, mas pode ser.

CITONHO (*Entrando com Tãozinho.*) Não adianta, rapaz. Tenente Guedes Lima não está aqui, de modo que de maneira tais, você está perdendo o seu latim.

TÃOZINHO E quando é que o delegado vem? Preciso resolver essa questão.

LELÉU Qual é o caso, Tãozinho?

TESTA-SECA Tãozinho... Nunca vi homem chamado Tãozinho. E um safado com um nome desse, ainda encontra jeito de tomar a mulher de outro.

PARAÍBA Também a graça do outro é Raimundinho.

TÃOZINHO Que é que voincês estão falando?

LELÉU A gente quer saber qual é o caso. Raimundinho quer a mulher de volta, é?

TÃOZINHO É coisa muito pior. (*a Citonho*) Posso falar pra ele?

CITONHO Você pode falar pra quem quiser. Tenho nada com isso?

TÃOZINHO Francisquinha do Antão...

LELÉU Como vai ela?

TÃOZINHO Vai bem. Ih... Satisfeita! Sabe que ela tem um pé-de-meia? Pois bem, Francisquinha é mulher de muito bom pensar.

CITONHO Está se vendo.

TÃOZINHO Quatro contos de réis, é o pezinho-de-meia dela.

CITONHO Mas como é? Ela deixou em casa ou levou pra você?

TÃOZINHO Não, levou. Levou, sim.

CITONHO Não levou a roupa, mas os cobres sim, hein? Estou vendo que ela é mesmo de muito bom pensar.

TÃOZINHO Se é?... Mas sabe o que o descarado do marido quer? Aquilo é uma farinha muito ruim. Quer que ela dê a ele metade do dinheiro.

LELÉU Não dê não.

CITONHO Mas é danado, isso! Leva a mulher do homem e ainda chama o pobre de descarado.

TÃOZINHO E não é não? Atrás do meu dinheiro! Está direito isso?

LELÉU Ele está é doído. Não dê nem um tostão.

TÃOZINHO Dou não, menino?

LELÉU Não dê de jeito nenhum.

TÃOZINHO Meu parecer é esse. Mas eu sou um brasileiro que respeita as leis.

CITONHO Isso é raro.

TÃOZINHO Ah, mas eu sou assim. Respeitador da lei. É por isso que eu queria falar com o delegado. Queria saber direitinho esse negócio.

LELÉU Que negócio, homem?

TÃOZINHO Esse negócio dos quatro contos de réis. Se ele tem direito a receber a metade.

LELÉU Você está lesando? Não tem que saber nada. Manda esse idiota passear. Não dá, e acabou-se.

TÃOZINHO Mas ele diz que é de leis.

LELÉU Leis coisa nenhuma! Você já viu lei pra corno?

TÃOZINHO E não tem não, seu?

LELÉU Nunca teve.

TÃOZINHO Graças a Deus, meu Deus. Pois voicê agora me tirou um peso de cima. Ô homem dum juízo escanzinado. Por que é que voicê não assume essa delegacia?

LELÉU Já insistiram. Eu é que não quis.

JABORANDI Essa, não.

Citonho ri.

TÃOZINHO Pois bem que devia querer. Pronto, eu agora não conheço tempo ruim. Olhe aqui, fiquei tão aliviado, que quero lhe fazer um presentinho. Não repare não.

LELÉU Um curió?

TÃOZINHO Um salta-caminho. Desses que cantam: Ai, meu Deus.

LELÉU É desses que eu preciso, Tãozinho, pra chamar a Deus por mim.

TÃOZINHO (*Entregando-lhe o pássaro.*) Está aí, fique com ele.

LELÉU Obrigado, Tãozinho. E não se esqueça: não há lei, hein?

TÃOZINHO Vou dizer pra ele.

CITONHO Você vai é terminar levando umas... umas... — como é que diz, menino?

JABORANDI Porradas.

CITONHO Umass porradas.

TÃOZINHO E aquilo briga nada? Seu Raimundinho é feito canário engodeiro: bate fogo, mas só briga dois minutos. Dou-lhe uma bicotada no ovelho, ele corre.

CITONHO Vá se fiando. Um dia a casa cai.

TÃOZINHO (*intencional*) Já caiu... (*Sai alegre, com as suas gaiolas.*)

CITONHO Ele agora está satisfeito que só cego em cinema. Mas a cantiga dele vai ser outra, quando a situação se inverter. Porque essa Francisquinha, pelo que eu vejo é uma vaca.

JABORANDI Como é que tu pode saber, Citonho? Nem visse a mulher.

CITONHO Menino, quer que eu lhe diga uma coisa? Eu às vezes, principalmente de noite, na hora de lavar os pés, fico triste por não ter encontrado nem uma viúva com filhos que me quisesse para segundo marido.

TESTA-SECA Um ordenado mincho desse.

CITONHO Mas, ao mesmo tempo, me consolo, porque penso no que vi escrito uma vez num pára-choque de caminhão: “Mulher e freio, não merecem confiança”.

LELÉU Isso foi escrito por algum desenganado.

CITONHO E você acha que elas merecem, Leléu?

LELÉU Nem todas, mas tem umas que merecem.

CITONHO E essa Francisquinha, o que é que você acha?

LELÉU Ah, isso só vendo.

JABORANDI A sorte de Tãozinho, dessa vez, foi Tenente Guedes não estar aqui. Porque senão, ele ficava em cana.

Entra Lisbela.

LELÉU (*com emoção*) Citonho!

CITONHO Dona Lisbela! O que é que o tenente vai dizer, se aparecer agora por aqui?

LISBELA Não me importa. Quero falar com esse homem.

LELÉU Comigo?...

HELIODORO (*entrando*) Dona Lisbela, precisa alguma coisa?

LISBELA Não. (*a Leléu*) Você conhece alguém por nome Inaura?

LELÉU Inaura?... Sim, é um nome velho... Que foi que aconteceu com ela?

HELIODORO Jaborandi, você não pode ouvir essa conversa.

JABORANDI Por quê?

HELIODORO Porque é soldado raso. Fique na calçada.

JABORANDI Eu não digo que soldado não tem direito a nada?

Soldado raso é pior do que cachorro.

HELIODORO Fique latindo lá fora.

Jaborandi sai amuado.

LELÉU Ela morreu?

LISBELA Esteve lá em casa, hoje. Não faz nem meia hora que saiu.

LELÉU Que é que ela veio fazer? Mora tão longe.

LISBELA Num lugar chamado Coripós.

LELÉU É isso. Que é que ela veio fazer? Me ver?

LISBELA Já foi embora. Disse que não queria ver você aqui, feito um ladrão.

LELÉU E pra que foi que ela veio? Por que não me diz logo?

LISBELA Ela veio avisar que você vai morrer.

LELÉU Eu?...

LISBELA Se fosse por ela, acho que nada ruim lhe acontecia. É por causa dum irmão.

LELÉU Que irmão é esse?

LISBELA Você não conhece?

LELÉU Nunca me falou. Por onde andava, nesses anos todos, esse condenado?

LISBELA Andava longe ou preso, não sei direito. Sei que ele voltou e que fez tudo pra ela lhe dizer seu nome, e o que você fazia.

LELÉU E ela disse?

LISBELA Não, mas ele soube muita coisa.

LELÉU Nesse tempo, eu trabalhava no teatro.

LISBELA Ela disse. E também disse que, há quase uma semana, anda pelo mundo, atrás de lhe encontrar. Pra você se esconder. E que isto foi difícil, pois você vive mudando de nome e profissão. Como era seu nome naquele tempo?

LELÉU Mendel. Era um nome bonito, mas não me deu sorte. Patrick Mendel. Não é bonito? Clementino Natalício da Rocha... Otaviano Estácio da Mata... Antônio da Paz... Florêncio Nunes...

LISBELA E agora, todos esses nomes vão morrer.

LELÉU Não.

LISBELA Ela disse que o irmão lhe encontra, a não ser que você fuja. Se pelo menos você não estivesse aqui, numa cadeia tão sem proteção!

HELIODORO Aqui é o mesmo que estar na rua.

TESTA-SECA E a gente também corre perigo.

LISBELA Leléu, vou pedir a meu pai.

LELÉU O quê?

LISBELA Pra falar com o juiz. O juiz pode mandar você para o Recife, para a Detenção.

LELÉU Não.

LISBELA Lá, você fica seguro.

LELÉU Não quero.

CITONHO Não seja cabeçudo, rapaz. Isso aqui não tem nenhuma segurança. Até um velho, como eu, corre perigo.

LISBELA Deixe falar com o meu pai. Ele detesta-o, gostará de ver-se livre de você.

LELÉU Quero ficar aqui, dê no que der.

LISBELA Por que isso?

LELÉU Não quero ficar longe da senhora. A senhora é minha paz, Dona Lisbela. Tudo isso que a senhora me diz, não vale nada. O que vale, é que a senhora está aqui.

LISBELA Você sabe que eu estou para casar. Não deve falar desse modo.

LELÉU A senhora não é noiva no seu coração. Só é noiva na mão e na palavra.

LISBELA Pois é, eu dei minha palavra e minha mão.

LELÉU Dona Lisbela, a senhora pra mim é a bandeira brasileira. Uma bandeira grande. Sabe que a bandeira grande só recebe o vento, se estiver presa num mastro muito forte? Leléu Antônio da Anunciação é o mastro pra senhora.

LISBELA Pare! Você ainda não sabe o que foi que disse o irmão dela. Ele jurou arrancar...

LELÉU Não diga.

TESTA-SECA Você agora acerta, rapaz. Você agora acerta. Citonho, cabo, vocês têm que botar esse cara noutra cela. Longe da gente.

LELÉU Ele jurou arrancar...

LISBELA Sua cabeça.

LELÉU (*Alegrando-se desmedidamente.*) Ah, ah, ah. Eu pensei que ele quisesse arrancar minha macheza. Ah! ah! ah!

CITONHO Leléu! Deixe disso, rapaz. Você endoideceu?

LELÉU Citonho! Um homem sem cabeça ainda é homem. É um homem sem cabeça. Não faço questão de ir para o buraco, sem a cabeça. O que eu não quero é ir sem uma certa parte que você conhece.

CITONHO Eu não conheço nada.

LELÉU Dona Lisbela... Olhe pra mim e escute. O que faz o homem é o coração e a macheza. É por isto (*Batendo na barriga e nos peitos.*) que esta parte aqui se chama tronco. Isto aqui é o tronco. Um homem com as partes arrancadas, é como um galo mudo. Já imaginou um galo, o dia amanhecendo e ele com o canto preso na garganta, vendo a noite se acabando, e o sol se levantando e ele sem cantar? Não me importo que me enterrem sem cabeça.

LISBELA Leléu, por que você é assim? Por que tem sempre que mudar de ocupação? De nome? Vagando pelo mundo e trocando de mulher, sem ficar em nenhuma?

LELÉU É minha sina.

LISBELA Você quer assim. Não existe um nome que lhe sirva? Não existe mulher que lhe mereça?

LELÉU Não me largue pilhérias.

LISBELA Você não está respondendo.

LELÉU Quando eu era pequeno... Eu nasci num lugar chamado São José da Coroa Grande. Um dia, a gente ouviu dizer que o Zeppelin ia passar por lá. Foi um alvoroço! Todo mundo queria, antes de ver, saber mais do que outro como era o Zeppelin. São José — a senhora conhece? — é uma praia. Devia ser no verão. Tinha lá uma porção de povo e a noite estava tão bonita. Eu tinha uns oito anos. Quando vi, foi aquela beleza atravessando o céu. Me esqueci de tudo e saí andando atrás daquela claridade. Parece que estou vendo. Fui andando, fui andando e me perdi. Todos me procuravam. Eu ouvia aquelas vozes me chamando longe... E assim tem sido a minha vida, sempre me perdendo atrás do que é bonito. (*Lisbela reflete um instante e retira-se precipitadamente.*) Heliodoro, você vai com ela? Vai falar com ela? Não deixe ela ir sozinha.

Heliodoro sai.

TESTA-SECA Você cai fora daqui, dê no que der. Não estou pra morrer por sua causa.

CITONHO Ora, largue o homem, Testa-Seca.

TESTA-SECA O melhor é a gente matar logo esse peste.

LELÉU Largue-me. (*desvencilhando-se*) Ninguém vai me matar. Ninguém vai ter esse gosto.

TESTA-SECA Quando esse homem de Coripós chegar aqui, vai meter bala e quem não quiser morrer saia da frente. Não quero estar por perto de você.

PARAÍBA Você pode pedir pra se mudar. Eu não me importo de ficar aqui com ele.

TESTA-SECA Que é que você está pensando? Você tem alguma coisa na cabeça. Eu não saio daqui, nós dois ficamos juntos.

PARAÍBA Você agora manda na cadeia, é? Tenente Guedes! Pronto, Citonho! Olha aí o Tenente Guedes Lima.

TESTA-SECA Você pensa que esse sujeito vai fugir.

LELÉU E vou.

TESTA-SECA E que leva você. Vocês dois numa sela, arribam e eu fico aqui. É isso que você está pensando. Mas talvez seja eu quem vá primeiro.

PARAÍBA Essa foi muito fraca, Testa-Seca. De que é que serve você sair sem mim? Tu não sabe onde foi que escondi o ouro.

TESTA-SECA (*com grosseira ironia*) Sei não. É bom porque não sei... Já ouvi, mais de uma vez, você falar dormindo.

PARAÍBA Ah! E agora, deu pra mentiroso.

TESTA-SECA Mentiroso? Se você não disse, sonhando, onde é que estava o ouro, eu cegue agora mesmo da gota-serena. Quero que me dê o estupor-tabica, se eu não passei a noite acordado e ouvi você dizer.

PARAÍBA (*insistente*) É mentira. É mentira.

LELÉU Parem com essa briga.

PARAÍBA Esse cara agora com mentira.

TESTA-SECA Mentira, uma ova. Cego de guia, de cacetinho, eu acerto onde é.

PARAÍBA Pois diga. Fale, quero ver você dizer.

LELÉU Deixem de ser burros.

CITONHO Uma zoada sem necessidade.

TESTA-SECA Não lhe pedi palpite, pedi?

CITONHO Não.

TESTA-SECA Então, feche a matraca.

CITONHO Ora, vão você e seu amigo para o diabo que os carregue. (*Sai gesticulando.*)

LELÉU Essa briga de vocês é ignorância. Vocês não planejaram tudo um com o outro? Não mataram e limpavam a velha juntos?

TESTA-SECA Fui eu que acabei com a velha. Enquanto isso (*Apontando Paraíba.*), ele pegou o que podia e fez bunda de ema. Arribou com o ouro. Queria me enganar. Só encontro mentiroso e traidor neste mundo.

PARAÍBA E quem foi que abriu a boca? Quem foi pegado primeiro e cantou logo o meu nome, sem precisar de acocho?

TESTA-SECA Eu ia deixar você no meio do mundo? Com o ouro nos gadanhos? Só se fosse algum besta.

PARAÍBA É o que você é.

TESTA-SECA Você vai ver se eu sou.

LELÉU Acabem de uma vez com essa discussão. Isso não leva a nada, será que vocês não entendem? A gente precisa agora é de cabeça pra agir. De cooperação e calma. Trabalhar com o juízo.

TESTA-SECA Vá conversar pra lá. Você não vai ter muito tempo pra trabalhar com o juízo.

LELÉU Vocês estão pensando que eu nunca tive atrapalhos na vida? Pensam que eu sou menino amarelo? Que eu sou feito prego, que só tem cabeça pra levar martelada? Esse sujeito de Coripós não vai me pegar nunca.

TESTA-SECA Eu sei como é. Não dou uma semana, pra ele estar aqui. Esse pessoal tem faro de cachorro.

LELÉU E Frederico Evandro também não prometeu voltar? Um homem daquela qualidade não falta com a palavra. Volta como dois e dois são quatro. Quando ele aparecer, eu conto tudo e digo a ele pra acertar a tampa do desgraçado desse irmão de Inaura.

PARAÍBA Você não queria os inimigos vivos? Deixa esse vivo.

LELÉU Por amor de quem? Se é pra escolher entre a minha morte e a dele, tenham paciência. Ele vai antes.

TESTA-SECA E se Vela-de-Libra não voltar? E se ele voltar tarde demais? E se o outro goela for melhor no "dedo" do que ele?

LELÉU E vocês pensam que eu fico aqui sentado? Esperando por eles, pra ver no que dá? Talvez nem um nem outro me encontre mais aqui. O negócio é arranjar uma corda bem comprida. Aí, eu fujo pelo telhado e levo vocês dois. Já viram esse gancho de rede como é grande?

TESTA-SECA Eu não tinha reparado.

LELÉU A gente arranca ele...

PARAÍBA E a corda?

LELÉU Talvez que Lapiiau consiga me arranjar: dentro do violão.

TESTA-SECA E quem sobe primeiro nessa corda?

LELÉU Eu.

TESTA-SECA Não estou dizendo? Por que quem vai na frente não sou eu?

PARAÍBA Você não foge sozinho, Testa-Seca.

LELÉU Eu só queria ver era a desconfiança e a “inteligência” de vocês. Não faço questão de ir na frente. Então não precisamos da corda pra descer? E se o primeiro que subisse, levasse a corda com ele, os outros não gritavam? Pelo menos dessa vez, precisamos de confiança e união. Você ainda pensa que eu estou blefando, Testa-Seca? Ainda quer que eu vá para outra cela?

TESTA-SECA Agora, só falta você dizer que é o meu mastro. Que por nós é capaz de matar e de morrer!

LELÉU Não morro de amor por vocês. Meu caso... — por que vou esconder? — meu caso é gaita. O que eu quero é uma parte do ouro. E vocês não vão dizer que eu sou ambicioso.

TESTA-SECA Quanto é que você pede?

LELÉU Um quinto. Um dedo da mão. Duas partes de um, duas partes de outro e uma parte minha. Vale ou não vale?

PARAÍBA Por mim, eu topo.

TESTA-SECA Eu também não quero dever favor. Mas isso tudo é uma conversa besta.

LELÉU Por quê?

TESTA-SECA Se Lapiiau não lhe passar a corda, onde é que você vai arranjar uma?

LELÉU Com o Tenente Guedes. (*Forte riso de mofa de Testa-Seca.*) Qual é a graça? Não viram ainda agora o meu falar com a moça? Já não viram ela correr aqui para me proteger? É com ela, que eu quero amansar o delegado. É ela que vai fazer o pai me dar a corda. Para eu treinar... E sabe pra que é que Lapiiau vai bancar o frade? Pra casar de mentira o Cabo Heliodoro. Em paga, o cabo vai servir de leva-e-traz pra mim.

TESTA-SECA O cabo?

LELÉU Sim. E por que não?

TESTA-SECA Com aquela fachada? Levando recadinhos? (*Risadas de Testa-Seca e Paraíba.*)

LELÉU Mas é preciso que vocês não digam um pio. Que ele não desconfie, nem de longe, que vocês sabem de nada. Visto? Tá legal?? Eu sou ou não sou a salvação de vocês? (*As risadas continuam. Leléu dá-lhes grandes tapas. Rindo também e gritando:*) Burros! Burros! (*Em seguida, apanha o violão e, dançando, começa a cantar, logo acompanhado pelos outros.*)

O meu urso é estrangeiro,
ele veio de Portugal.
Vamos todos, minha gente
divertir o Carnaval.

Coro

Bis { Não vá beber,
não vá se embriagar
não vá cair na rua
pra polícia lhe levar.

Em seguida, começam a solfejar “Vassourinhas”. Entram Citonho e Jaborandi, começam a dançar. De repente, os presos se calam. Pelo silêncio deles, Leléu desconfia que Tenente Guedes entrou. Cala-se também e se volta. O delegado aproxima-se.

TEN. GUEDES Sim, senhor. Que falta de anarquia. Este negócio aqui está virando frege, não é? Você examinou de verdade essa viola, Citonho?

CITONHO Examinei, tenente.

TEN. GUEDES (*a Leléu*) Então, o cavalheiro também gosta de música.

LELÉU E quem é que não gosta, delegado? Quem canta, seus males espanta.

TEN. GUEDES Tem gente que não pode ouvir um instrumento. Vai ver que seus companheiros são desses. Que é que me diz, Paraíba?

PARAÍBA O senhor é quem sabe.

TEN. GUEDES Não gosto que meus presos sejam incomodados.

Quero ver todo mundo satisfeito. Citonho, você gosta de música?

CITONHO O dia todo, não. Mas uma vezinha ou outra, é bom.

TEN. GUEDES Você, apesar de meio caduco, é um homem de juízo. Estive pensando num palpite que você...

CITONHO Um momento, tenente. O senhor me desculpe interromper. Mas eu já estou ficando tiritica com esse negócio de dizer que eu sou caduco. Que cábula! Se eu fosse caduco, estava por aí fazendo besteira. Qual é a besteira que eu faço?

TEN. GUEDES Não precisa se abusar, senhor. Vou provar que, às vezes, eu acho você até equilibrado.

CITONHO Como é?

TEN. GUEDES Quando esse moço do violão voltou, você não queria que ele fosse para outra cela? Pois eu estive pensando que você tem razão.

CITONHO Bem... Mas isso foi naquele dia.

LELÉU O senhor vai me tirar daqui?

TEN. GUEDES Pra você ficar mais descansado, poder tocar seu violão em paz, sem esse pessoal atrapalhando.

LELÉU Felizmente.

TEN. GUEDES Felizmente, por quê?

TESTA-SECA Sim. Felizmente, por quê? Por que é que é felizmente?

LELÉU Porque já não agüento as caras de vocês, entendeu? Porque já estou de saco cheio de estar junto de vocês. Quer que diga mais?

TESTA-SECA Em que é que você é melhor do que eu?

LELÉU Em muita coisa.

TESTA-SECA Um dia, inda lhe quebro a cara.

TEN. GUEDES Na minha frente, não. Respeite a autoridade. Mas vou ser franco. Há uma coisa em que eu acho que, realmente, ele é melhor do que vocês: é na conversa. Toda vez que eu chego aqui, acho vocês dois com cara de enrolados. E a

coisa que me dá mais raiva neste mundo, é um sujeito querendo me enrolar.

LELÉU Vamos fazer a mudança.

CITONHO Mas por quê, Leléu? Você já não se acha acostumado aí?

TESTA-SECA Deixe esse cara aqui.

PARAÍBA É, Tenente Guedes. Deixe ele com a gente.

TEN. GUEDES Que é que você acha, Citonho?

CITONHO Bem, por mim, ele ficava aí.

TEN. GUEDES Vou pensar no caso. (*a Paraíba e Testa-Seca*) Sei que vocês são gente muito boa, que não vão bater nele, nem fazer arruaças aqui dentro.

Entra Heliodoro.

HELIODORO (*Fazendo continência.*) Pronto, tenente.

TEN. GUEDES Vocês têm sido tão bem comportados! Tanto, que eu acho até que vou diminuir a guarda. Heliodoro, você está autorizado a dar mais folga aos praças. Isso aqui não precisa de estar sempre guardado.

HELIODORO Está bem, tenente.

LELÉU Posso dar um palpite, delegado? O senhor está esquecido duma coisa: o alagoano prometeu voltar.

TEN. GUEDES Que alagoano?

LELÉU Frederico Evandro. O tal que o touro da moça ia pegando. Ele está doído pra me pagar o favor. E se chegar aqui e não encontrar o troço guarnecido, é capaz de abrir a porta e de soltar nós três.

TEN. GUEDES Seu Anunciação, eu não tenho, nem tive nunca, medo de pistoleiros. Minha força moral é mais do que bastante para mantê-los todos afastados.

LELÉU É porque o senhor não viu Frederico Evandro.

TEN. GUEDES E se visse, menino, seria a mesma coisa. Cabo Heliodoro, diminua a guarda. (*sai*)

TESTA-SECA Você não disse que a gente precisava ficar junto?

LELÉU E não fiquei?

TESTA-SECA E como é que estava esculhambando a gente? Hein?

PARAÍBA Cala a boca, Testa-Seca. Ele jogou bem. Se choramingasse, já estava do outro lado. *(Entra Tenente Guedes. Paraíba, fingindo que não o viu, grita.)* Mas comigo, você se estrepa. Lhe rasgo a fantasia.

TEN. GUEDES Esqueci de dizer... Jaborandi e Citonho me falaram ainda agora nesse amigo seu, o tal que lhe trouxe o violão. Não quero ele passeando muito por aqui. Ouviu, Heliodoro?

HELIODORO Ouvi, tenente.

TEN. GUEDES Não tenho um tico de confiança nesse pessoal de circo. São mesmo que ciganos. Jaborandi, venha comigo. Tenho um serviço pra você. *(Saem o tenente e Jaborandi.)*

LELÉU *(a Heliodoro)* Então?...

HELIODORO Tudo certo... *(numa explosão)* Mas você vai morrer, não tem santo que lhe salve. Fui conversando com a moça, ela me deu os traços do sujeito que quer lhe degolar. Leléu, o homem é o mesmo.

LELÉU Que mesmo, senhor?

HELIODORO O mesmo que queria lhe fazer favor, o tal da vela.

LELÉU Não.

HELIODORO É ele. A moça de Coripós deu toda a pinta do irmão.

LELÉU Ah, ele falou num caso de família. Mas o caso dele não era em Coripós. Era num lugar chamado Boa Vista. Não foi, Citonho?

CITONHO É a mesma coisa, Leléu. Estou lembrando. Boa Vista, agora, é Coripós. Santana se chama Batente. Glicério, é Paquevira. Queimados tem agora o nome de Orobó. Mudaram o nome de não sei quantos lugares.

LELÉU É por isso! É por isso que o tenente não pegou a isca. Por isso que ele veio com aquela goga de ter força moral. Força moral, um ovo. Ele sabia. Heliodoro, esse tenente é um safado, ele está abrindo caminho porque quer que eu morra.

TESTA-SECA *(agarrando-o)* E agora? E agora, como é?

LELÉU Estou no mato sem cachorro, Heliodoro. Inaura, pra que fui me meter contigo? E por que fui me meter na frente daquele boi? Pra que não deixei ele enterrar o chifre naquele

desgraçado? Cavei o meu buraco, Citonho. Cavei o meu buraco sem saber. Tanta mulher bonita neste mundo. Tanta coisa linda! E eu morto!

3º ATO

Citonho e Heliodoro, do lado de fora, bebendo e comendo, conversam, sentados no chão. São mais ou menos nove e meia da noite. A lâmpada dos presos está apagada. Lapiáu, que espriantava através das grades, aproxima-se do carcereiro e de Heliodoro.

CITONHO Então, Lapiáu, pegaram no sono?

LAPIAU É brincadeira? Comeram e espernearam como o diabo!

Deu na fraqueza.

CITONHO Bebe mais um bocadinho de vinho.

LAPIAU Quero não, Citonho. O pessoal do circo, acho que já está me esperando. Inda vamos viajar hoje de noite.

CITONHO E os cavalos?

LAPIAU *(sobressaltado)* Hein? *(Voltando a si.)* Ah! Vão bem, obrigado.

HELIODORO Vocês ganharam ou não ganharam dinheiro na Vitória?

LAPIAU Sempre deu pra defender alguma coisa.

HELIODORO Isso aqui é uma terra muito boa.

LAPIAU Não tem dúvida. Mas vou chegando. Citonho, me abençoe.

CITONHO Seja feliz, meu filho. Deus e Nossa Senhora te acompanhem.

LAPIAU Amém. Cabo velho, até outra vista.

HELIODORO Até, menino.

LAPIAU Lembranças a Leléu, amanhã de manhã.

CITONHO Farei presente. Lembrança aos seus cavalos! (*Lapiau afasta-se, acenando ainda uma vez para os dois.*) Rapaz bom.

HELIODORO Ele se dá uns traços com um frade que eu conheço.

CITONHO Que frade é esse, rapaz?

HELIODORO Que adianta dizer, se você não conhece? Não fosse a barba, era ele escritinho.

CITONHO Ai, meu Deus. Estou com a barriga feito um bombo. Comi que só um abade. (*Ri fininho.*) Ele ficou espantado, quando eu falei nos cavalos. Coitado, é como eu, não tem parentes no mundo.

HELIODORO Não quer mais não, Citonho?

CITONHO Não. (*arrota*) Estou satisfeito.

HELIODORO Besteira. Depois, toma um purgante de salsa, caroba e cabacinho — e pronto. Ou então, de maná e sena. Fica bom num instante.

CITONHO Ave Maria! Só se for para eu me acabar logo, de uma vez.

HELIODORO Pois eu, na voz de come de graça, só paro quando não agüento mais. É como diz a história: “Papagaio não comeu, morreu”. Depois, tomo um purgante. Ô, galinha boa danada. (*Erguendo uma coxa de galinha e fitando-a com alegria.*) Ai, coxa! Há quanto tempo eu não te via! (*Dá uma dentada.*) Mas está boa como diabo! (*bebe*)

CITONHO Bem que dizem que quando pobre come galinha, um dos dois está doente. (*ri*)

HELIODORO Mas esse ditado não está certo.

CITONHO Não está o quê? Isso é o ditado mais certo do mundo.

HELIODORO Mas dessa vez ele errou porque nem a galinha está doente, nem eu.

CITONHO Ah, rapaz. O ditado também não vai dizer que pobre quando come galinha, um dos dois está doente, ou então a filha do delegado, ou do prefeito, ou de coisa que os valha, se casou. Estou perdendo meu tempo em falar disso a você: mas assim, não era mais ditado: já era filosofia!

HELIODORO Isso é. Mas Citonho, eu não entendo como é que você sabendo tanto nunca passou de carcereiro. Porque você é inteligente pra burro.

CITONHO Ah, meu filho, é porque não tive estudo. Se eu houvesse tido estudo, você ia ver: botava essa turma toda no bolso.

HELIODORO Bebe mais um bocadinho. Aproveita, rapaz, que “amanhã não tem mais.

CITONHO Quero não, Heliodoro. Já estou aqui meio esquentado! Depois, gulodice não faz bem a menino, quanto mais a velho. (*Estende o copo.*) Bota sempre aqui um golezinho desse gengibirra. (*bebe*) Bota outro, Heliodoro. (*ri*) Bem que dizem que desgraça só quer começo. (*Bebe mais.*) Ah, vinho gostoso dos seiscentos diabos! Isso é bom é com uma pedrinha de gelo dentro. (*Nota de novo o silêncio na cela.*) Coitados dos presos. Beberam e comeram tanto, que baixaram a crista.

HELIODORO Eles ficaram foi cansados de sapatear lá dentro. Dançar homem com homem, dá sono.

CITONHO E logo Leléu, que nem gosta de mulher.

HELIODORO Sabe que ele é tacho no violão? É um condenado. Está aí, Citonho. É outro que, se tivesse estudo, era o cão em figura de gente. Ali é muito crânio. O homem é um cuera, rapaz. Nunca pensei que ele arranjasse uma corda. E quando é hoje, vem Tenente Guedes e entrega uma corda desse tamanho, para o desgraçado treinar. Como é que pode ser? Um homem como Tenente Guedes!

CITONHO Isso, com certeza, foi a moça Lisbela que pediu, Heliodoro. E lhe digo mais: se esse camarada não estivesse preso, eu não queria estar no lugar do doutorzinho.

HELIODORO (*rindo*) Ah, velho danado. E ainda aparece quem diga que ele está caducando. Ah, ah, ah!

CITONHO É!... Não tem uma vez que ela me encontre, que não pergunte por ele. Agora, tem uma coisa, viu? Escreva o que eu estou dizendo. O tenente deu essa corda hoje, pra fazer os gostos da filha. Por causa do casamento. Mas amanhã ou

depois ele toma. Conheço aquilo. Não sei como ele ainda não tomou o violão. (*Heliodoro continua rindo.*) Vai ver que também foi a moça que pediu. Mas que risada sem fim. Você está bom é de parar de beber.

HELIODORO Sabe o que é que estou me rindo, Citonho? Se você não fosse um velho falador, eu lhe contava.

CITONHO Contava o quê?

HELIODORO Um segredo. Você não conta a ninguém?

CITONHO Olha, Heliodoro. Quando um sujeito pergunta se a gente é capaz de guardar um segredo, é porque está doido pra contar. Desembucha logo.

HELIODORO Citonho, um cara pode ser (*Faz um gesto significativo à altura da testa.*) enfeitado "antes" de casar?

CITONHO Bem, isso sempre é depois, não é?

HELIODORO Ah, não. Sempre, não. Que eu estou casado há quinze anos e minha mulher, graças a Deus...

CITONHO Você não me entendeu. Eu estou dizendo que, quando isso acontece, geralmente é depois. Mas que há os casos em que também é antes. (*Citonho compreende então a pergunta.*) Mas vem cá, Heliodoro. O que é que tem havido, esses dias, entre a moça... e ele?

HELIODORO Você não fala a ninguém, Citonho? Olhe: não fale a ninguém, senão você me desgraça. Ela veio falar com ele, aqui, de madrugada.

CITONHO Como?

HELIODORO Fugiu de casa, quando todo mundo estava dormindo.

CITONHO Quantas vezes?

HELIODORO Três.

CITONHO E você tirava ele da cela? Vou dar pra levar as minhas chaves pra casa!

HELIODORO Não tinha perigo. Eu ficava perto, com o rifle em cima dele.

CITONHO E o que é que você ganhou pra isso? Como é que ele arranjou esse negócio com você, Heliodoro? Você, um homem tão sério!

HELIODORO Foi um trato, Citonho. Foi um trato. Você não fala a ninguém?

CITONHO É eu estou caducando? Vou lá falar nisso?

HELIODORO Ele arranjou um frade. Ali trancado, ele arranjou um frade, pra me casar de mentira.

CITONHO Quanto casamento é esse? Você pegou a doença?

HELIODORO A mãe da morena só me deixava eu ir pra esteira com a filha, se um padre casasse a gente.

CITONHO E o frade lhe casou de graça? Que frade safado foi esse?

HELIODORO E eu conheço? Tinha uma barba que era isso e cobrou três mil cruzeiros. E depois desse trabalho todo, ela não era, era mais nada.

CITONHO Não era mais nada, como?

HELIODORO Não era mais nada. Já tinha os quatro vinténs.

CITONHO Bem feito. Castigado, pra não se meter a cavalo do cão, depois de velho.

HELIODORO Velho é você.

CITONHO E você é menino? Pra andar com essas trampolinagens?

HELIODORO Citonho, não me azucrine mais não. Porque eu já ando tão aperreado.

CITONHO Sua mulher já soube da maranha?

HELIODORO Não, Citonho. Eu ando é com um remorso no juízo, de haver metido um padre nessa história. Você sabe que um pecado desse, é capaz de não ter perdão? Mas o diabo me carregue, se não é o tenente que vem lá.

TEN. GUEDES (*Chegando, vestido com um certo apuro interiorano.*) Senhores que venderam Cristo!

HELIODORO O tenente por aqui!

CITONHO Deixar a festa!

TEN. GUEDES É isso mesmo, Citonho. São deveres do ofício. A autoridade é um fardo. É ou não é, Heliodoro?

HELIODORO Senhor?

TEN. GUEDES A autoridade é ou não é um fardo?

HELIDORO Um fardo?

TEN. GUEDES Você parece que passou da conta na bebida, sabe?

Como é que eu entrego a cadeia a você, e você se mete a beber dessa maneira?

HELIDORO Mas tenente!

TEN. GUEDES Não tem tenente nem meio tenente. Se fosse Citonho que estivesse bêbedo, estava muito bem. Aliás, Citonho, Lisbela hoje me perguntou mais de uma vez por você. Vá calçar os seus bostiques, mudar essa roupa e dar um abraço nela. Tomar parte na festa! Hoje quero ver todo mundo satisfeito.

CITONHO Mas tenente, eu aparecer na festa!

TEN. GUEDES Não converse, Citonho. Já lhe disse o que havia de dizer. Você tem algum motivo pra não ir?

CITONHO Deus me livre. O senhor sabe de uma coisa? Eu ainda cheguei a envergar minha pavona, a pavona com que eu vou ser enterrado, sabe? Mas depois eu disse lá comigo: Homem, festa é lugar de gente moça. Eu vou é me desapaventar!

TEN. GUEDES Pois vá se apaventar outra vez e dê os parabéns à menina. Você precisa ver como ela está alegre.

CITONHO Tenente, já está é meio tarde, não é?

TEN. GUEDES Não converse mais, senhor. De lá, pode ir direto pra casa.

CITONHO Não preciso mais voltar aqui?

TEN. GUEDES Não. Mas aonde é que você vai?

CITONHO Vou buscar as chaves lá dentro.

TEN. GUEDES Que besteira é essa? Essas chaves toda vida não dormiram aqui?

CITONHO É mesmo... E hoje, então, é que não faz medo mesmo elas ficarem aqui, não é?

TEN. GUEDES Hoje, por quê?

CITONHO Por causa do casamento...

TEN. GUEDES Ah, sim.

CITONHO Bom, até logo.

HELIDORO Dê parabéns a Dona Lisbela e ao doutor por mim, Citonho.

CITONHO Farei presente. *(sai)*

TEN. GUEDES Que velho horroroso pra falar. Qualquer conversa com ele, é uma hora. Fala pelos cotovelos.

HELIDORO Agora tem uma coisa: guardar segredo é ali.

TEN. GUEDES Isso é o que você pensa. Aquilo é um bucho-de-piaba. Contou pra ele, é mesmo que botar no jornal.

HELIDORO E como é que ele nunca largou nada pra mim?

TEN. GUEDES É justamente porque ninguém larga pra ele. Ou então, porque ele acha que você não merece confiança. Ou então, porque você não perguntou. Mas vamos deixar de conversa, que isto não tem importância, o que tem importância são outras coisas muito diferentes. Antes de tudo, quero que você me diga por onde anda o soldado Jaborandi, que ainda hoje não lhe pus em cima os olhos que a terra há de comer?

HELIDORO Está no cinema, chefe. Hoje não é dia de série?

TEN. GUEDES E a que horas termina esse negócio?

HELIDORO Lá para as dez e meia.

TEN. GUEDES Muito bem. Heliodoro, hoje é um grande dia para mim.

HELIDORO Eu sei, tenente. Casou a sua filha direitinho, com rapaz muito bom...

TEN. GUEDES É. Quer dizer... *(Faz um gesto com a mão, significando: não é lá grande coisa.)* Mas tem qualidade. E é um homem formado, isso vale alguma coisa.

HELIDORO Se vale!

TEN. GUEDES Os presos hoje foram dormir cedo.

HELIDORO Os pirões que o senhor mandou pra eles...

TEN. GUEDES *(cortando)* Não fui eu que mandei, Heliodoro. Foi minha filha. E foi também por causa dela que eu trouxe a corda pra esse sujeito do arame. A propósito: foi você que serviu de portador de um passarinho, um salta-caminho que esse tal de Leléu mandou pra ela?

HELIODORO Eu, tenente? Um cabo da polícia! Não, senhor. Foi Juvenal que levou.

TEN. GUEDES Bem, não importa. De qualquer maneira, ele não vai ter muito tempo para fazer mungangas em cima da corda bamba, nem para mandar passarinhos de presente. As horas dele estão contadas, cabo.

HELIODORO Contadas, chefe?

TEN. GUEDES Citonho parece que estava adivinhando. Mas nós vamos abrir a cela dele, acordá-lo e tocá-lo para a outra. Quero ele sozinho numa cela.

HELIODORO Tenente! É o homem que vem? O irmão da moça de Coripós.

TEN. GUEDES É ele. Eu já estava começando a pensar que o desgraçado tinha desistido. Ou que havia perdido o rastro da raposa.

HELIODORO E ele está na Vitória?

TEN. GUEDES Chegou hoje de tarde.

HELIODORO Logo hoje?!

TEN. GUEDES Ele é sabido, cabo. Na certa, soube do casamento e pensou: Nesse dia, a cadeia vai ficar às moscas.

HELIODORO (*espantado*) E se ele chegasse agora, só encontrava nós dois. Vou chamar os praças.

TEN. GUEDES Não quero praça nenhum. É só você que vai ficar aqui. Entendeu? Você e mais ninguém.

HELIODORO Mas eu, tenente? Eu enfrentar sozinho uma onça daquela? O senhor quer ver minha caveira?

TEN. GUEDES Deixe de ser tapado, Heliodoro. Quero a cadeia sozinha, entendeu?

HELIODORO Tenente, o senhor quer que o preso morra?

TEN. GUEDES Não quero nada, cabo. Você está esquecido do seu posto? Que eu estou aqui pra mandar e você pra obedecer? Preste atenção às minhas ordens. A cadeia não tem duas saídas? Pois só vamos deixar uma, a outra você passa o cadeado. Quem entrar por uma porta, não pode sair por outra. Está compreendendo? (*gesto afirmativo do cabo*) Então pe-

ga Leléu, bota sozinho na outra cela e acende a luz. Está compreendendo? (*novo gesto*) Eu volto pra casa e dou folga aos soldados. E você deixa a cadeia só: se esconde aí na frente, por trás de um pé de pau, de rifle na mão.

HELIODORO Pra que o rifle, tenente? Pra que esse rifle?

TEN. GUEDES Pra atirar em quem sair da cadeia, cabo. Não é em quem entrar. Em quem sair!

HELIODORO Tenente, e se eu errar?

TEN. GUEDES Se você erra, pode contar como certo que eu arranjo a sua reforma. Ou talvez lhe meta na cadeia. Mas já pensou se você matar o cabra? Consigo-lhe uma promoção, dê no que der. Você deixa de ser Cabo Heliodoro. Já pensou? Vai ser o Sargento Heliodoro. Três divisas no braço, isto representa.

HELIODORO Desse jeito, eu dispenso, tenente.

TEN. GUEDES Você é santo, é?

HELIODORO Deus me livre e guarde.

TEN. GUEDES Então, pelo menos, queira ser herói.

HELIODORO De jeito nenhum. Quero não.

TEN. GUEDES Não quer o quê? Você parece que não tem patriotismo. Vai sair seu retrato em tudo quanto é jornal do Recife. Todo mundo vai lhe respeitar, quando souber que você liquidou um assassino perigoso como esse tal de Frederico Evandro.

HELIODORO E os parentes dele, tenente? Nunca mais vou ter sossego na vida. Esse pessoal é assim. Quem mata um, pode ter como certo que não escapa, nem no fim do mundo.

TEN. GUEDES Cabo Heliodoro, ouça de uma vez por todas! Não admito insubordinação. Está ouvindo? Não quero mais ouvir conversa nem desculpa de natureza alguma. Se não quer se arrepender, siga-me! (*Entra na cadeia, seguido a contragosto por Heliodoro. Acende a luz da cela dos presos, que está vazia.*) Os desgraçados fugiram! Como é que esses homens fogem, debaixo de suas ventas, e você não vê coisa nenhuma?

HELIODORO Olhe o buraco lá em cima, tenente. Eles fugiram com a corda que o senhor trouxe.

TEN. GUEDES Cale-se! Atrevido! Pegue cinco ou seis rifles, corra lá em casa, chame os soldados do destacamento e procurem esses danados, que eles não podem estar longe. Que tempo faz que apagaram a luz?

HELIODORO Umas duas horas.

TEN. GUEDES Quanto?

HELIODORO Uns vinte minutos.

TEN. GUEDES (*Pondo a mão na testa.*) Um momento. Preciso pensar. Não, não vá lá em casa. Vai assustar o povo, na mesma hora todo mundo vai saber. Meu Deus, que ridículo! Me botaram na rua das amarguras. Eu não digo que a autoridade é um fardo? Olhe aqui: leve as armas e chame o pessoal, mas chegue lá como se nada houvesse acontecido. Compreende? Sorrindo!... Sorria. Não, assim, não: mais. Menos. Isso! Chame os praças, mas dizendo que é para fazer a ronda.

Heliodoro pega as armas.

HELIODORO E se o cabra chegar e lhe encontrar sozinho?

TEN. GUEDES Não tinha pensado nisso. Acho que é melhor eu ir chamar os praças. Mesmo porque desperta menos a atenção, não é? Não. Um homem é um homem e um gato é um gato. Eu topo a parada. Mas veja como é que faz, hein? Nada de assanhar o povo.

HELIODORO Como é que eu posso assanhar, tenente? Estou tão armado que não posso nem atirar.

TEN. GUEDES Não falo nisso. Falo no sorriso.

HELIODORO Não se incomode, chefe. (*Sai, com alguns fuzis de baixo do braço. Tenente Guedes corre, pega um fuzil e põe a bala na agulha. Entra Dr. Noêmio apressado, vestido de branco. Tenente Guedes, amedrontado, aponta-lhe a arma.*)

DR. NOÊMIO Ai!

TEN. GUEDES Como é que se entra assim numa delegacia, doutor? Está vendo? Quase que eu lhe passava a bala na titela.

DR. NOÊMIO Onde?

TEN. GUEDES Na caixa dos peitos.

DR. NOÊMIO Ave, Maria. Eu hoje estou de azar.

TEN. GUEDES Azar? O senhor está é de sorte. Azar, doutor, é o meu. Isto, sim, que é uma urucubaca.

DR. NOÊMIO Tenente, então o senhor acha que não é azar eu me casar com a sua filha...

TEN. GUEDES O quê?! O senhor tem o desprante de dizer que é um peso se casar com a minha filha?

DR. NOÊMIO Não, tenente. O azar que eu digo, é o noivo, na hora de ir para casa, procurar sua noiva e não encontrá-la DE JEITO NENHUM.

TEN. GUEDES Como? Não encontrá-la?

DR. NOÊMIO Sim. E depois disso, eu não me admiraria nada de levar um balaço na titela.

TEN. GUEDES E o senhor já foi na sua casa?

DR. NOÊMIO Já.

TEN. GUEDES E ela não estava?

DR. NOÊMIO Não. O que eu encontrei foi uma gaiola aberta, em cima da cama de casal, com um bilhete assim: "O passarinho fugiu". Estou de azar ou não estou?

TEN. GUEDES Meu Deus! "O passarinho fugiu"... Será que eles fugiram juntos?

DR. NOÊMIO (*Rindo com ironia.*) Ah, ah! Essa é engraçadinha. Lisbela e o passarinho fugindo juntos? O senhor parece que bebeu demais na festa.

TEN. GUEDES Não estou falando em passarinho nenhum, doutor! Falo nos presos. Não está vendo a cela aí vazia?

DR. NOÊMIO Hein?... Não, isso não pode ser.

TEN. GUEDES Ora não pode. Pode, e eu vou lhe dizer mais: o senhor bem que merecia isto. Por que cargas d'água não pegou logo sua mulher e levou pra casa, às sete da noite? Ficou lá feito uma leseira, dançando valsinhas e fazendo discursos idiotas? Agora, vai ver que ela fugiu com esse mequetrefe.

DR. NOÊMIO Tal coisa é um absurdo. Minha esposa não ia se prestar para isso.

TEN. GUEDES Pois você quer que lhe fale com franqueza? Acho que ela é capaz de coisas que nenhum de nós imagina.

DR. NOÊMIO Disso, não. (*Entra Lisbela, de calças, mal disfarçada de homem.*) Lisbela, minha querida. Já a procurei por toda a parte. Mas por que é que você está vestida assim?

LISBELA (*Olhando vagamente a cela vazia.*) Ele fugiu?

DR. NOÊMIO Por que é que você está vestida assim, Lisbela?

LISBELA Quero saber se ele fugiu.

TEN. GUEDES Fugiu. **Fugiram.** E vai ver que você sabia.

LISBELA Eu ia com ele.

TEN. GUEDES O que foi que eu lhe disse, doutor? Eu não lhe disse?

DR. NOÊMIO Lisbela! No dia do nosso casamento?

LISBELA Eu disse a meu pai que não queria mais você para marido. E ele asseverou que os casamentos felizes são assim. Que o bem-querer vem depois.

DR. NOÊMIO E você vai deixar de querer bem a mim, Lisbela, pra querer a um sujeito como aquele? Um desclassificado?

LISBELA Pra querer, não. Pra ir com ele, com nome, corpo, sangue, coração e tudo!

DR. NOÊMIO Um bangalafumenga, um João-ninguém. Um vagabundo daquele!

LISBELA Ele não é nada dessas coisas. É um homem, isso sim.

DR. NOÊMIO Tenente! O senhor sabia disso?

TEN. GUEDES De quê? Que ele é um homem?

DR. NOÊMIO Não, que diabo! Estou perguntando é se o senhor sabia dessa história.

TEN. GUEDES Será possível? O que é que o senhor pensa que eu sou, doutor? Um alcoviteiro?

LISBELA Se soubesse, perseguiria o pobre, muito mais do que vinha perseguindo.

TEN. GUEDES Eu não perseguia nada. Era um preso e, além do mais, muito atrevido.

LISBELA (*a Dr. Noêmio*) Eu ia tentar. Ia tentar ser uma boa esposa pra você. Ia tentar até deixar de comer carne, ia tomar

cuidado pra seu almoço de folhas não murchar. Mas ele havia dito que, no dia que mandasse o passarinho, eu devia esperá-lo vestida de homem. E que se ele chegasse antes, esperava por mim.

TEN. GUEDES Onde?

LISBELA Não vou ajudar o senhor a encontrá-lo.

TEN. GUEDES Ele enganou você. Submeteu você a essa humilhação. Deixou-a esperando na estrada, feito uma cachorra.

LISBELA Talvez ele não pudesse passar.

TEN. GUEDES Ele não quis. Não está vendo que não ia sair pelo meio do mundo com você? Para ser preso em 24 horas? Antes só do que só e acompanhado, todo mundo sabe disso. Ele usou você para obter a corda. Para me humilhar, para me expor ao ridículo.

LISBELA Não, ele não me usou pra nada. Vocês é que estavam me usando. Ele me quer, me quer bem. Pra ele eu não era uma filha, não era uma mulher casada nem solteira. Era mulher, mulher, mulher!

DR. NOÊMIO E pra mim?

LISBELA Pra você eu sou feito um diploma. Com carimbo, pregado na parede.

DR. NOÊMIO Não é nada disso, Lisbelinha. É minha esposa e devia estar em casa. Por que você foi?

LISBELA Porque tinha de ir. Não podia não ir. Fui com glória! Eu fui feito um andor, na frente de uma procissão.

DR. NOÊMIO Você está variando. Isso é uma profanação.

LISBELA Fui com banda de música. Quando vi aquele passarinho na gaiola... Pensei que minha vida inteira, se eu ficasse, ia ser assim, vida de tristeza, de quem desejou, de quem quis de corpo e alma, e mesmo assim não fez. Aí, eu fui. Fui e vou toda vez que ele me chame. Não precisa nem que ele me fale. Nem que me olhe. Basta estalar os dedos. Vou feito um cão. Mas coroada — vocês não compreendem? — feito uma rainha!

TEN. GUEDES Essa criatura está louca varrida.

DR. NOÊMIO Isso tudo foi uma ilusão, Lisbela. A última de sua vida de solteira.

LISBELA Ilusão nenhuma! Foi real! É real!

DR. NOÊMIO (*Perdendo as estribeiras.*) Bolas! Tenente, o senhor está vendo? É isso o que se lucra em ser boa pessoa. Tenho passado minha vida toda andando na linha, tratando todo mundo bem, sem fazer mal a uma mosca, nem carne eu como, para no fim de tudo levar uma dessa na cabeça. Isso é justiça, tenente? O que foi que eu lucrei?

TEN. GUEDES O senhor ainda me vem falar em lucro. E o que eu tenho gasto com essa criatura? E o que eu tenho zelado por essa criatura? E os oitenta e tantos vidros de Elixir de Nogueira que eu tomei, pra me nascer essa criatura? Quem é que levou a cacetada maior, doutor? Foi o senhor ou fui eu?

HELIODORO (*Entrando com soldados, além de Testa-Seca e Paraíba, que estão sujos e apresentam algumas escoriações.*) Pronto, tenente. Aqui estão os homens.

TEN. GUEDES Deus seja louvado. Até que enfim aconteceu alguma coisa boa.

HELIODORO Foi o serviço mais fácil que já tive na minha vida.

DR. NOÊMIO E o outro? Morreu?

TESTA-SECA Doutor, se o senhor perguntar por ele outra vez, garanto como lhe dou uma dentada.

TEN. GUEDES Onde é que está o outro?

JUVENAL É o seguinte, tenente. Ele pegou o violão, tirou as cordas...

TEN. GUEDES (*entre dentes*) Cordas! Não me fale em corda.

JUVENAL ... quebrou...

TEN. GUEDES Quero lá saber de violão? Quero saber se ele morreu. Morreu?

JUVENAL O corpo de delito?

TEN. GUEDES Corpo de delito, uns tomates. O outro preso, senhor. Ele bateu as botas? Bateu o trinta e um? Entregou a alma a Satanás? Morreu?

JUVENAL Não, senhor. Fugiu.

TEN. GUEDES Seu Heliodoro! Seu imbecil! Isto é uma meleca. Como é que eu mando o senhor prender os homens e o senhor prende esses dois merdas e me deixa fugir o cabeça?

TESTA-SECA Respeite as caras, tenente.

TEN. GUEDES Respeitar coisa nenhuma. Eu ainda estou elogian-do, que vocês não valem nem o que o gato enterra. Sozinhos, vocês morriam de velhos e não fugiam daqui dessa cadeia. (*Ouve-se a corneta: Jaborandi, no cinema, tocando silêncio.*) Mas espere... Que diabo é aquilo?

HELIODORO É Jaborandi, tenente.

TEN. GUEDES E transferiram a delegacia, foi? A delegacia agora é no cinema?

HELIODORO Foi Leléu que deu esse conselho a ele.

TEN. GUEDES Quem?

HELIODORO Leléu.

TEN. GUEDES Conselho de quê?

HELIODORO De tocar silêncio no cinema, porque Jaborandi toda semana perdia um pedaço da série.

TEN. GUEDES Ainda mais essa. O miserável foge e ainda deixa confusão atrás. (*Dirigindo-se a dois soldados.*) Vocês dois, vão a passo acelerado no cinema e tragam seu Jaborandi preso, com corneta e tudo, tenha terminado ou não a série. Vão e voltem nos mesmos pés. (*Os dois soldados saem trotando.*) E o senhor, Seu Heliodoro? Como é que não me trouxe o homem?

TESTA-SECA Ora que besteira, tenente. Não trouxe porque não pôde.

TEN. GUEDES Cale-se.

TESTA-SECA Não me calo. Eu aqui porreta da vida, por que é que eu vou calar?

TEN. GUEDES Juvenal, dê o serviço, meta a coronha na boca desse cabra.

TESTA-SECA Não caia na besteira, Juvenal. Senão, "vai ter" aqui dentro.

TEN. GUEDES (*Erguendo a mão.*) Insubordinado!

PARAÍBA Não bata não, chefe. Do jeito que nós estamos, topamos qualquer parada. O cara tapeou nós dois — o caso é esse.

TEN. GUEDES Vocês não fugiram juntos?

PARAÍBA O plano era arribar com tempo de pegar o trem. A gente não tinha dinheiro. Entendeu? Ele garantiu que ia reto em cima dos cobres, quando a gente sáísse.

TEN. GUEDES E quando saíram, ele não tinha nada. Ou só tinha dinheiro pra ele. E correu e deixou vocês na mão.

PARAÍBA E ele estava com a moléstia dos cachorros? Correr da gente numa hora dessa? Quebrou o violão e dentro não encontrou foi nada. Só um maço de papel, amarrado com cordão. Aquilo é um... Desculpe, dona. Deu a entender que um de nós dois — ou os dois — tinha descoberto o maço de dinheiro, roubado e metido o maço de papel lá dentro. Quem é que podia descobrir que, dentro do violão, tinha dinheiro? Só se a gente fosse adivinhão.

TESTA-SECA (*meio choroso*) Disse que era fraco, não podia brigar com Paraíba e eu.

PARAÍBA E que se conformava porque era o jeito, mas não podia mais continuar com a gente. A gente não tinha a gaita? Pois viajasse, ele ia se arranjando por aqui.

TESTA-SECA (*ainda meio choroso*) Deixou nós dois ali, feito dois bestas. E foi embora. Como esse cara não presta, é safado, eu pensei que fosse ele que tivesse roubado Leléu e quisesse me enganar.

PARAÍBA Quem disse cuida, disse usa.

TESTA-SECA E você não pensou que fosse eu?

PARAÍBA Pensei que você tinha tirado pra nós dois. Pra tapear o cabra e a gente separar-se, e não precisar dividir nada com ele. Mas quando você me pediu metade do dinheiro eu só podia pensar que você queria me fazer de otário. Aí, metilhe a mão. Botei sua cara pra trás.

TESTA-SECA Ele que botou a gente pra trás. Isso sim.

TEN. GUEDES Mas como é que ainda existe no mundo quem caia numa dessa? (*Lisbela começa a rir nervosamente.*) Como é?

DR. NOÊMIO (*segurando-a*) Lisbela! Lisbela!

LISBELA Solte-me.

PARAÍBA Só quando a gente ouviu o trem, o apito, foi que descobri tudo.

TESTA-SECA (*chorando*) Aí, a gente correu pra estação, mas o trem era de passageiro. Aaaai! (*Lisbela continua rindo.*)

TEN. GUEDES E o que é que pode haver de tão triste, em um trem ser de passageiro?

TESTA-SECA (*Sempre chorando.*) Como é que a gente podia viajar, se não tinha nem um vintém furado no bolso?

TEN. GUEDES Eu não dizia, toda vez que entrava aqui, que vocês dois tinham cara de enrolados? Burros! Serem engabolados desse jeito!

PARAÍBA (*Sapateando de raiva.*) Aaah! E o senhor é sabido, chefe? O senhor é sabido? Vou lhe dizer uma coisa, seu besta, curta e certa. Nós dois somos burros, mas o senhor também é. Não fui eu nem Testa-Seca que deu a corda pra ele. Nem que mandou prender o corneteiro, em lugar de caçar aquele peste do Leléu. O senhor também é o-re-lhu-do. *Lisbela ri mais.*

TEN. GUEDES Está vendo, minha filha? (*com dignidade ofendida*) Deixe de risada e veja a que ponto eu cheguei. Tudo por sua causa. Heliodoro, meta esses revoltosos na chave. (*Heliodoro cumpre a ordem, com os dois presos sob a mira do fuzil de Juvenal.*) Eu bem que queria tomar aquele violão. Bem que queria não dar aquela corda. Eu tinha nada que ele precisasse de treinar ou não? Foi por sua causa, Lisbela, que sucedeu isso tudo. Você traiu seu pai. (*Brada, erguendo os braços para o céu.*) Fui traído!

LISBELA (*séria*) E Leléu? O senhor não presta. A moça de Coripós esteve lá em casa e o senhor não disse uma palavra a ele. Um assassino jurou vir aqui matá-lo e o senhor não disse nada a ele. E até mandou diminuir a guarda.

TEN. GUEDES Isso é mentira. O desgraçado, na certa, andou soprando a você essas mentiras.

LISBELA É verdade!

Entra Jaborandi, acompanhado dos dois soldados, contando a série, e só dá com o tenente no último instante.

JABORANDI Tenente! Perdoe essa falta, tenente. Pelo amor de sua filha.

TEN. GUEDES Não diga uma palavra. Bote a corneta e o seu revólver aí e meta-se nas grades.

JABORANDI Mas tenente, os homens fogem e eu vou preso? Tudo que acontece aqui, eu sou o bode respiratório?

TEN. GUEDES Cale-se, antes que eu perca a paciência. Cinema é lá lugar de se tocar silêncio, seu idiota? Será que todo mundo hoje combinou pra me fazer de palhaço? Marche!

Jaborandi põe a corneta e a arma em cima da mesa. Ouvem-se pisadas de cavalo e Jaborandi se dirige para a cela vazia. Enquanto está sendo trancado, aparece Leléu. Os soldados se atarantam com as armas, tomados de surpresa.

LELÉU Nada de alvoroço. Calma, calma, minha gente. Eu vim me entregar.

TEN. GUEDES Metam bala no homem, antes que ele fuja!

LISBELA Não! (*silêncio*) Leléu, você não pôde ir?

LELÉU Pude. Estou com dois cavalos aí fora. Mas era grosseria eu ir com a senhora.

LISBELA Não precisa continuar me chamando de senhora.

LELÉU Pra mim, é o que a senhora há de ser sempre. Chamar "você" é um exagero, não mereço tanto.

DR. NOÊMIO Por que você não foi embora, rapaz? Por que voltou?

LELÉU Por causa de Dona Lisbela, doutor. Pra ficar perto do chão onde ela pisa.

LISBELA Você podia ouvir minhas pisadas junto de você a vida toda. Por que não me levou?

LELÉU Porque a senhora não merece a incerteza da minha vida. Não tenho eira nem beira, que trono lhe podia oferecer?

LISBELA Você sabe que eu não me importava. Que eu largava tudo por você.

TEN. GUEDES Isso é conversa. Por que você voltou? Diga a verdade.

LELÉU Voltei pra morrer, chefe. Pra morrer a bala. E pra Dona Lisbela saber, pelo resto da vida, que eu morri por causa dela.

TEN. GUEDES Você voltou porque não tinha dinheiro, não foi mesmo? E porque sem dinheiro, você não podia ir muito longe. Não foi isto?

LELÉU Eu tenho dinheiro.

TEN. GUEDES Mostre.

LELÉU (*Tirando o dinheiro do bolso.*) Está aqui. Minha comissão num troço que arranjei.

HELIODORO Que troço?

LELÉU Seu casamento.

TEN. GUEDES Casamento de quem? Heliodoro se casou de novo?

LELÉU Oi, não?

TEN. GUEDES Heliodoro! Você! Se sua mulher souber disso?

HELIODORO Tenente! Eu não disse ao senhor que não quero ser santo? E nem ver meu retrato no jornal?...

TEN. GUEDES Pronto. Já não está aqui quem falou.

HELIODORO Frade sem-vergonha.

LELÉU E você pensava mesmo que aquele sujeito era frade?

HELIODORO Não era não?

LELÉU Ora...

HELIODORO Quer dizer que eu fui enrolado?

LELÉU Demais. Pergunte por quê. Você não estava enrolando a mãe da moça?

HELIODORO Graças a Deus! Vou contar a Citonho.

TEN. GUEDES Que alegria é essa? Eu quero ver, aqui, ninguém alegre? Fique triste! (*breve pausa*) Tranque o homem.

JUVENAL (*Apontando minuciosamente.*) Nesta cela aqui, onde Jaborandi está preso porque tocou silêncio no...

TEN. GUEDES Deixe de ser confuso (*Indica a cela dos outros presos.*) É nesta aqui, com os outros.

LISBELA Pai! Isso é mesmo que matá-lo.

TEN. GUEDES Com os outros já disse.

LISBELA Isso é crime. Isso é crime.

TESTA-SECA Tem de ser com a gente. Pedido de mulher não vale!

LISBELA Meu pai: se ele morre, eu digo a todo mundo que o senhor foi o culpado.

TEN. GUEDES Leve sua mulher para casa, doutor. Seja homem ao menos uma vez na vida.

LISBELA Por que o senhor não tenta me levar?

CITONHO (*Entrando, metido numa roupa de casemira meio surrada.*) Boa noite, minha gente. Cadê o tocador de corneta? Eu soube que ele foi preso. (*Vendo Lisbela.*) Mas espere: isso é Dona Lisbela? (*a Leléu*) E você, rapaz? Tomando fresca aqui do lado de fora?

LELÉU Citônho! Você está é lorde. Parece o Conde de Monte Cristo.

CITONHO Nada! Quem sou eu...

TEN. GUEDES Eu disse ao senhor, Seu Citonho, que não precisava voltar.

CITONHO Disse. E daí?

TEN. GUEDES Isso já é hora de velho estar na cama. Você não tem nada que fazer aqui.

CITONHO Mas o sujeito depois que fica velho, todo mundo quer mandar na gente. Que cábula! Não vou dormir agora, e acabou-se.

TEN. GUEDES Afinal de contas, vou tolerar sua insubordinação, porque você já está quase caducando.

CITONHO Caducando o diabo que o carregue! Ora que eu já vivo abusado com essa história de todo mundo dizer que eu vivo caducando! Não estou caducando e não vou embora porque não quero. Pronto.

LISBELA Citonho, meu pai quer botar Leléu aí com esses homens, para ele ser morto pelos dois.

LELÉU Eu cáí fora, Citonho. E tapeei os dois. E agora, estamos os três aqui de novo.

CITONHO E essa roupa de homem é porque a senhora também ia?

LISBELA Era, sim.

CITONHO (*Rindo gostosamente.*) Eu não disse, doutor, que essa aí não tem homem que amanse? Vai morrer de velha, assim: danada!

DR. NOÊMIO E que graça tem isso? Não vejo graça nenhuma.

CITONHO Não tem pra você. Mas pra mim, tem.

LISBELA Meu pai, vou lhe fazer um último pedido. Estão lá fora os cavalos. Deixe eu ir embora com Leléu.

LELÉU Moça!

DR. NOÊMIO Você não está no seu juízo, Lisbela.

CITONHO Como é que não está? O juízo dela é assim mesmo.

LISBELA É a última vez que eu lhe faço um pedido, meu pai. Deixe eu ir embora com esse homem.

TEN. GUEDES Se você me pedir isso outra vez, eu dou-lhe de chibata aqui, na frente de todo mundo.

CITONHO Só depois de passar por cima do meu cadáver.

TEN. GUEDES É o que você já é: um cadáver ambulante.

CITONHO Pois experimente dar nessa menina, que o tenente vai ver com quantos paus se faz uma jangada.

TEN. GUEDES Ainda mais essa!

LISBELA Pela derradeira vez, meu pai: deixe eu ir com ele.

TEN. GUEDES Galinha!

Lisbela, num gesto rápido, apanha a arma de Jaborandi em cima da mesa e sai correndo. Dr. Noêmio e Tenente Guedes vão segui-la, mas não chegam a fazê-lo, pois, assim que ela desaparece, surge Vela-de-Libra de arma na mão.

FREDERICO Vamos pra trás, minha gente. Vamos pra trás. Mas que coisa bonita isso aqui. Parece reunião de família.

TEN. GUEDES Que é que você quer?

FREDERICO Você, não, que eu não sou seu parceiro. Me trate de senhor. Liás, pelas suas feições de jumento, estou vendo que o senhor é o delegado.

TEN. GUEDES Pois é.

FREDERICO Então, fique pra lá, que eu tenho mais raiva de de-

legado, do que do cachorro doido. Pra dar um tiro num, é como quem vai ali e já volta.

TEN. GUEDES Eu já sei o que é que o senhor quer. Pode levar esse homem, mas me deixe sair. Minha filha está correndo perigo. Se eu não for depressa, talvez vá encontrá-la morta.

FREDERICO E eu com isso?

JABORANDI Não tem muito perigo não, tenente.

FREDERICO Cale a boca, macaco. E você, delegado, passe mais pra trás, se não quer que eu saque-lhe a moela.

TEN. GUEDES Seu negócio não é com esse homem? Pois vá embora com ele e me deixe sair.

FREDERICO Que gente camarada, essa daqui! Até parece que estavam me esperando. Vim visitar um homem e encontro ele fora, com dois cavalos de luxo me aguardando... Tudo querendo que eu seja despachado logo...

TESTA-SECA Cadê sua força moral, tenente? Cadê sua força moral?

FREDERICO Deixe de zoada. Parece um bezerro desmamado.

LELÉU Eu não vou com você.

FREDERICO Acabe com besteira, menino. Não gosto de dever favor. Você já me fez um, eu agora faço outro: vou tirar você desse chiqueiro. *(para Citonho)* Velhinho, você que não é de nada, meta esses homens na chave.

CITONHO Não é de nada, o quê? Que é que você está pensando? Porque está me vendo velho, pensa que eu não tenho coragem?

FREDERICO Pela sua cara, você ainda tem uns quinze anos pra fazer besteira. Quer ver a Deus antes de ser chamado?

LELÉU Não teime não, Citonho. Ele lhe mata mesmo.

FREDERICO Isso é que é juízo. Mas eu também tenho. Todo mundo tire o paletó. *(ao delegado)* Primeiro, você, chefe. Dê uma voltinha. *(O delegado obedece.)* Hum... É até quartudo. Desarmado, pra dizer que tem coragem. Está-se vendo que não tem, é frouxo. *(ao doutor)* Você também, seu amarelo de

Goiana. *(aos soldados)* E vocês. Vamos, podem tirar o pijama. *(Dr. Noêmio tira o paletó e joga-o no chão. Os soldados fazem o mesmo com os dólmas.)* Vamos logo. Agora, velho, chave com esse pessoal.

Citonho hesita.

LELÉU Não tem outra saída, Citonho.

Citonho se dirige, resmungando, para a cela de Jaborandi.

FREDERICO Pra onde é que você vai?

CITONHO É pra prender ou não é?

FREDERICO Aí, não. Quero tudo na outra cela, com esses dois sem-vergonhas. Pra desmoralizar.

CITONHO Mas ali!

LELÉU Obedeça, Citonho.

FREDERICO E obedeça depressa, que eu estou vexado.

CITONHO Vou obedecer por causa do rapaz. *(Prende o pessoal.)*

Porque, fique você sabendo, eu tenho coragem pra mamar em onça.

FREDERICO Só se for em onça morta. Sacuda as chaves. *(Citonho joga-as, Frederico Evandro apara-as.)* Agora vamos, menino.

Vamos nós dois por esse meio de mundo.

LELÉU Você vai me matar aqui, Frederico Evandro.

FREDERICO Que pensamento triste. Vamos embora, senhor.

LELÉU Você vai me matar e arrancar minha cabeça, aqui. Eu sei que você é irmão de Inaura.

FREDERICO Mas minha gente! Não é que notícia ruim corre depressa mesmo?

LELÉU Você prometeu matar um inimigo meu.

FREDERICO Pois é.

LELÉU E por que não me mata?

FREDERICO Aí, minha gente! Ele está variando.

LELÉU Então, você não tem palavra.

FREDERICO Palavra, eu tenho. Mas juramento vale mais do que promessa. Jurei lavar minha honra e vou lavar. Mas pra você não dizer que eu sou mal-agradecido, vou te soltar primeiro. Você não vai morrer numa cadeia.

LELÉU O que se fez, se fez. Você matar-me não vai consertar nada.

FREDERICO Pára com a tagarelice. Não sabe que eu não posso perder tempo?

LELÉU Está bem.

CITONHO (*Ficando na frente de Leléu.*) Não vá não, Leléu.

LELÉU Deixe disso, Citonho.

CITONHO Não vá, meu negro.

FREDERICO Velho, não me tire a paciência. E fique sabendo que você aí na frente e nada, é a mesma coisa. Atravesso você que nem um pão-de-ló.

TEN. GUEDES Deixe ele ir, Citonho.

CITONHO Não.

FREDERICO Velho só serve pra atrapalhar. Vou contar até cinco.

TEN. GUEDES Não faça besteira, Citonho.

FREDERICO Um... dois... três...

Quando vai contar quatro, Leléu empurra Citonho, para livrá-lo do tiro. Na realidade, ouve-se um disparo, mas é Vela-de-Libra que cai. Entra Lisbela com a arma de Jaborandi na mão. Tem um ar vazio.

LELÉU Lisbela! Você!

TEN. GUEDES Ave Maria! Meus Deus! Citonho, traga logo as armas para os homens, pra esses dois ladrões não tentarem fugir. (*Citonho obedece rápido, Lisbela e Leléu entreolham-se.*) Agora pegue as chaves e abra aqui depressa, antes que a delegacia fique cheia de gente. Com um tiro desse, não falta quem apareça aqui.

Citonho cumpre a ordem, nervosamente.

LELÉU Lisbela! Minha bandeira brasileira!

TEN. GUEDES (*aos soldados*) Vamos, todos vocês, peguem os fuzis e corram lá pra fora. Atirem para o ar. Você também, Heliodoro, corra. Digam que estão festejando qualquer coisa.

Que dia é hoje? Digam que estão festejando o casamento. *Saem o cabo e os soldados. Citonho vai abrir a cela de Jaborandi.*

DR. NOÊMIO Mas Lisbela, Lisbela, pra que você fez isso?

LISBELA Se não fosse ele, era eu. O que me salvou, foi que pela conversa da moça, lá em casa...

TEN. GUEDES Você ouviu?...

LISBELA Ouvi, meu pai. Ouvi. (*Pipocam alguns tiros lá fora. Gritos dos soldados.*) Pela conversa dela... Eu já ia longe, quando atinei que isso aí era o irmão da tal de Inaura.

JABORANDI Aí, chumbo nele. (*ao defunto*) Mas quebraste o rabicho direitinho, hein. (*Voltando-se para os outros.*) Isso é que é um peso danado. Porque meu revólver...

TEN. GUEDES O que é que você está fazendo aqui? Não sabe que a ordem é pra fazer barulho?

JABORANDI Fazer barulho? E eu já não toquei silêncio?

TEN. GUEDES Então, toque alvorada... e meta bala pra cima.

JABORANDI Mas tenente, e eu nunca atirei na minha vida?

TEN. GUEDES Então, dane-se, vá bestar no inferno. Pegue sua buzina e vá tocar seja o que for no meio dos tiros. Toque mineiro-pau. E diga àqueles cretinos que eu mandei atirar mais longe da delegacia. Vá logo, desapareça, antes que eu lhe meta de novo no xadrez.

Jaborandi pega a corneta e sai. Logo depois ouve-se a sua corneta. E os tiros vão soar mais longe.

LELÉU (*Tomando a arma de Lisbela e colocando-a num banquinho, relativamente perto dos presos.*) Nosso destino está resolvido. Agora só tem um jeito.

TEN. GUEDES Só tem um jeito: é esconder o morto.

DR. NOÊMIO Mas esconder onde? Um morto desse tamanho?

TEN. GUEDES Não é maior do que os outros, doutor. Onde é que se guarda defunto, não é debaixo da terra?

DR. NOÊMIO É.

TEN. GUEDES Então, pronto. Contanto que ninguém saiba que esse miserável foi morto.

TESTA-SECA (*afuito*) E vocês estão pensando que esse negócio vai ficar por isso mesmo, é?

PARAÍBA Com dez contos de réis, a gente vai embora e cala o bico, chefe. Agora é a nossa vez.

DR. NOÊMIO Isso é chantagem. Vocês vão embora e depois voltam pedindo mais dinheiro. *Optarum-cause*, é inútil fazerem essa proposta.

TEN. GUEDES Mas eu preciso salvar minha filha da cadeia. E também desse nome de assassina. Isso é um nome horroroso.

TESTA-SECA Não adianta, meu chefe. Ela tem de pagar. Matou o pobre homem pelas costas.

TEN. GUEDES Que pobre que nada! Uma fera dessa, com um revólver que não tinha mais tamanho! Olhem aqui, eu trato vocês bem, durante uma semana. Depois acerto a fuga dos dois.

PARAÍBA E a gaita?

TESTA-SECA Não interessa gaita. Eu não fujo daqui, não quero dinheiro, não quero nada. Eu quero é justiça.

DR. NOÊMIO E você sabe o que é justiça, seu ignorante?

TESTA-SECA Sei mais do que você. Só porque estudou, pensa que sabe tudo.

CITONHO Tenente, posso dar um parecer? O senhor pode comprar o silêncio desses homens. O meu, eu dou de graça, até a hora da morte. Mas tem ainda os soldados, é gente demais pra guardar um segredo.

PARAÍBA Ora que besteira desse velho! A polícia de Pernambuco é assim, é? E os soldados são safados? Vá enterrar o homem, tenente. Amanhã o senhor conversa comigo e Testa-Seca.

LELÉU (*aos presos*) Vou fazer um favor a vocês, pra nenhum dos dois dizer que não lucrou nada comigo. Recebam o dinheiro do Tenente Guedes e fujam. Mas fiquem certos como ele vai mandar segui-los e encher os dois de bala. Esse é o plano dele.

TEN. GUEDES (*avançando*) Cachorro!

LISBELA Meu pai! (*O delegado se contém. Paraíba faz um sinal a Testa-Seca, indicando o revólver. Ambos olham a cela, em busca de um objeto comprido.*)

LELÉU Dona, vamos embora comigo. Agora, sou eu que quero ir.

LISBELA Eu matei um homem.

LELÉU Isso não era homem. E depois, ele ainda estava vivo, mas era o mesmo que já estar morto. Eu não tinha salvado essa desgraça?

DR. NOÊMIO Ela não vai com você. Ela é minha esposa.

LELÉU A senhora tem de desaparecer. Sabe essa gente (*Aponta o morto.*) como é. Sempre tem um na família, que aparece pra vingar a morte deles. Vamos embora comigo, não me custa mudar outra vez de nome e profissão.

DR. NOÊMIO E de mulher.

CITONHO Doutor!

Testa-Seca encontra uma vassoura.

DR. NOÊMIO Doutor... doutor... O senhor está com essa calma toda, porque não se encontra na minha situação: casar para no mesmo dia perder a mulher.

CITONHO E eu não ia perdendo a vida?

DR. NOÊMIO Grande vida. Quantos anos o senhor pensa que ainda vai viver?

CITONHO Aí uns dois, não é? Mas bem que servem.

DR. NOÊMIO Ah! Esses médicos daqui, não. Mas pegue um trem e vá a um especialista no Recife. Se ele lhe der mais de um mês de vida, eu entrego meu pescoço à força.

CITONHO (*furioso*) Mas essa é boa. Essa era só o que faltava. Eu sair daqui, ir para o Recife, pra ser desenganado, só mesmo da cachola de um doutor podia sair semelhante idéia.

TEN. GUEDES Acabem com essa discussão idiota.

CITONHO Deixe terminar. Porque esse negócio de comer folha, está fazendo o doutor ficar com pensamentos de carneiro.

DR. NOÊMIO Tenente, considero-me afrontado. Este carcereiro está passando da conta. Penso que já é tempo de dar-lhe uma repreensão.

TEN. GUEDES O senhor pode estar certo de uma coisa, doutor. De hoje em diante, eu não vou ter autoridade, nem pra espantar um gato, quanto mais pra repreender ninguém.

CITONHO Isso mesmo, tenente.

TEN. GUEDES Não pedi a sua opinião. Pedi?

LELÉU Então? A senhora vai?

CITONHO Vai. E por que não?

TEN. GUEDES Você só pode estar endoidecendo. Como é que sabe que Lisbela vai? E quem lhe disse que o preso não fica?

CITONHO Tem outro jeito não, tenente. Eles precisam ir. Se a moça não desaparecer, mais dia menos dia chega aqui alguém para vingar o finado Frederico Evandro. Se ela não for com Leléu, morre.

LISBELA Mesmo sem isso, eu queria ir. Debaixo ou acima da terra, sem ele eu estou morta.

DR. NOÊMIO Ele vai lhe abandonar, Lisbela. Como abandonou as outras.

LISBELA Não importa. Quero queimar minha vida de uma vez, num fogo muito forte. Quero ir.

TEN. GUEDES Lisbela!

LISBELA Quero ir. Nunca serei feliz como esta noite, junto dele, ouvindo nas estradas as batidas dos cascos dos cavalos.

TEN. GUEDES Seja feliz... se puder.

DR. NOÊMIO Tenente!

Lisbela e Leléu só para o velho Citonho têm um gesto de afeição. Lisbela toma a mão de Leléu. Vão saindo.

TEN. GUEDES Acabou-se. Está vendo, Dr. Noêmio? Assim como são as pessoas, são as criaturas.

CITONHO Aqueles dois vão dar certo: é o testo e a panela.

DR. NOÊMIO E eu? O que foi que eu ganhei em ser decente? É isso. Também agora vou dar pra comer carne e ser um vida-torta.

TEN. GUEDES Não adianta, meu filho.

DR. NOÊMIO Como é que não adianta?

TEN. GUEDES Não adianta. Quem nasce pra cangalha, nunca bota sela, entendeu? Quem nasce para o chouto, não galopa nunca. E quem nasce mofino desse jeito, não desenvolve nem no Dia do Juízo.

DR. NOÊMIO Muito obrigado pela lição, tenente. Boa noite. Amanhã, vou entrar na justiça com uma anulação de casamento. Erro essencial contra a pessoa. Aliás, contra mais de uma pessoa.

CITONHO Isso, doutor.

DR. NOÊMIO *(Vai sair. Pára ao ouvir as pisadas dos cavalos que se afastam velozes.)* Mande suspender o tiroteio, por favor. Que é capaz de vir uma bala doida e furar minha testa. Eu já com dor de cabeça!

TEN. GUEDES *(Grita para fora)* Parem com esses tiros! Parem com esses tiros! *(Obedecem. O doutor sai.)* Seu Citonho, cada vez eu me convenço mais: a autoridade é mesmo um fardo.

CITONHO *(Rindo fino.)* O doutor saiu foi azougado. Mas quem manda dar o disparo maior do que o cano? Desde menino que eu ouço este ditado: "Quem não pode com o pote, não pegue na rodilha".

TEN. GUEDES Você não tem sentimento. Depois de tudo isso, ainda tem coragem de achar graça?

CITONHO Eu posso deixar de me rir com uma coisa dessa, tenente? Na noite do casamento, em vez da mulher, o sujeito encontrar na cama uma gaiola aberta, com o passarinho solto?

TEN. GUEDES Escute: Para falar em casamento, que história é essa de Heliodoro?

CITONHO *(Como se não ouvisse bem.)* De quem?

TEN. GUEDES Não se faça de mouco, senhor. De Heliodoro. Que negócio é esse do casamento dele.

CITONHO Que casamento? Não sei disso não.

TEN. GUEDES Não sabe o quê? Deixe de ser sem-vergonha. Que história é essa do frade? Que presepada foi aquela?

CITONHO Não estou dizendo que não sei de nada, tenente? *Nesse ínterim, com o auxílio da vassoura, Testa-Seca, disfarçadamente, consegue alcançar o revólver e, com um movimento rápido, puxa-o para si e o empunha.*

TESTA-SECA *(grita)* Aaaah! Todos dois com as asas pra cima. Braço pra cima. Logo!

TEN. GUEDES (*com voz fraca*) Que é isso, Testa-Seca?
TESTA-SECA É isso mesmo. Vamos, seu velhinho safado. Abra logo essa tiborna, se não quer uma bala na barriga.
CITONHO Como é, tenente?
PARAÍBA Vamos depressa, velho. Solte a gente.
TÃOZINHO (*Entrando com uma cestinha de ovos na mão.*) Dá licença. (*Notando a atitude de Citonho e do tenente.*) Que negócio é esse? Voincês estão com medo que o telhado caia?
TEN. GUEDES (*Mostrando os presos, com um movimento de cabeça.*) Olhe o telhado aí.
TÃOZINHO Ah! Que coisa!
TESTA-SECA Vamos logo, seu Citonho. Abra essa porta.
CITONHO Você tanto veio aqui, Tãozinho, que terminou se enrascando. Olhe o que ele fez com o outro, que chegou aqui antes de você.
TESTA-SECA O quê? Que velho mentiroso! Só é o que eu encontro nesta vida.
TÃOZINHO (*Vendo o cadáver.*) Ih, minha gente. Mortinho da silva. Mas comigo, não tem esse negócio, não. Francisquinha do Antão fechou meu corpo pra tiro, facada e mordida de cobra.
PARAÍBA (*encolerizado*) O que é que você quer, seu besta? Isso é hora? Vê se ele tem o corpo fechado, Testa-Seca.
TÃOZINHO Pode queimar. (*Testa-Seca atira.*) Eu não disse? É besteira. Faca, arma de fogo e cobra peçonhenta, eu nem ligo.
PARAÍBA Mete bala de novo nesse cabra.
Testa-Seca atira.
TÃOZINHO Que homem teimoso danado. Agora, quer ver uma coisa? (*Apointa o tenente.*) Atira nele pra ver.
TEN. GUEDES Em mim? Não!
Testa-Seca atira duas vezes. O tenente, espantado, olha para o próprio corpo, à procura dos ferimentos.
TESTA-SECA (*num lampejo de inteligência*) Paraíba! É tiro de festim. Como é que pode ser? Olha! (*Atira em Paraíba, que cai morto.*) Paraíba, Paraíba! Tu vai morrer, Paraíba! Diz lo-

go onde é que está o ouro. Tu não falaste sonhando não, foi mentira minha. Parâ! (*Volta-se para os outros, como quem não entende.*)
TEN. GUEDES (*a Tãozinho*) Está vendo? E assim, quer matar todo mundo. (*Apointando Vela-de-Libra.*) Matou esse pobre homem, queria nos matar, matou o companheiro...
TÃOZINHO É uma onça.
TESTA-SECA Miseráveis! Mentirosos! (*Joga a arma no chão, raivoso.*)
TÃOZINHO É malcriado que é?
Entram Heliodoro e os soldados.
JABORANDI Mas é bom que é danado, atirar de fuzil.
HELIODORO Que tiroteio foi um?
TÃOZINHO Virgem Maria! Quanto homem de espingarda. Parece uma praça de guerra. Voincês andaram caçando coruja?
HELIODORO Caçando o quê? Está brincando com a polícia?
TÃOZINHO Minha Nossa Senhora me defenda.
TEN. GUEDES Heliodoro, preste atenção no serviço. Veja o que aconteceu: esse cabra atirando aqui na gente. Matou esse rapaz e acabou atirando em Paraíba. Tãozinho foi testemunha.
TÃOZINHO Fui.
JUVENAL Eita! Agora, são dois corpos de delito!
JABORANDI Tenente! O senhor me desculpe; mas, essas duas mortes, de maneira nenhuma podem ter acontecido.
TEN. GUEDES Podem não. Pergunte aos defuntos, se não podem.
Eu sou mentiroso, praça?
JABORANDI Não, mas meu revólver...
TEN. GUEDES Que é que tem?
JABORANDI Só tinha mesmo uma bala de verdade. O resto, era tiro de festim. Assim, como é que podem ter morrido Frederico Evandro e Paraíba?
TEN. GUEDES O que é que você está dizendo? (*Citonho vai examinar Frederico Evandro.*) Só havia uma bala no revólver?
JABORANDI Se o espírito não me engana e o coração não me mente, só.

TEN. GUEDES Então. Citonho?
CITONHO Tenente! O brabo morreu de susto! E de susto feito por mulher! Não tem bala nenhuma no couro dele!
TEN. GUEDES É mesmo? Citonho, você é grande. Pessoal, a pátria está salva. Deu tudo certo.
TÃOZINHO Menos para os defuntos.
TESTA-SECA E eu?
TEN. GUEDES Processado outra vez. Você, Tãozinho, vai servir de testemunha. Mas me diga uma coisa: que é que você está fazendo aqui?
TÃOZINHO Amanhã de manhã não tem feira em São João dos Pombos? Vou pegar o ônibus agora mesmo. De passagem, vinha deixar esses ovos que Francisquinha mandou.
TEN. GUEDES Pra mim?
TÃOZINHO Não. Pro inteligente, aquele que morava aqui.
TEN. GUEDES Ah!
TÃOZINHO Cadê ele?
TEN. GUEDES Mudou-se. Mas você, querendo, pode deixar os ovos aqui para o ignorante.
TÃOZINHO Se voincê assim acha, que é que eu vou fazer? (*Entrega a cesta ao tenente.*) E agora, vou chegando. Capaz de perder o ônibus. Adeus, minha gente. (*sai*)
TEN. GUEDES Então? A coisa está melhorando. Do jeito que eu gosto de ovos!
CITONHO Tenente, me arranje uns dois, pra eu fazer uma fritada amanhã!
TEN. GUEDES Já começou. O sujeito melhorou de sorte, principia logo a exploração. Em todo caso, vá lá essa furada. (*Dá dois ovos a Citonho.*)
HELIODORO Citonho agora ficou inteiro.
CITONHO Que é isso, Heliodoro? Respeite a velhice!
TEN. GUEDES Meus senhores! Apesar dos pesares, vou dormir sossegado. Nada como um dia atrás do outro. Porque um dia é da caça, outro da pesca. Viram como dominei toda a situação? A autoridade é um fardo, mas o negócio é a gente não

esmorecer. Andar na linha e nunca se trocar com quem não presta. É como diz a história: Dize-me com quem andas e eu dir-te-ei quem te acompanha. Heliodoro, vá chamar o médico, para atestar a morte natural daquele cidadão e o frio assassinato do pobre Paraíba.

Heliodoro sai.

TESTA-SECA Pobre!... Pobre de mim, que atirei no que quis e matei o que não quis. E agora, vou mas é mofar na chave.
TEN. GUEDES Bem feito. É bom que mofe mesmo. Vocês, fiquem aí velando esses dois féretros. Eu vou, pessoalmente, encomendar os caixões.
TESTA-SECA E esse defunto, não vai tirar daqui não, é?
TEN. GUEDES Por enquanto, continua preso. A lei é dura, mas é lei, meu filho. (*sai*)
CITONHO Mas não é que tudo terminou bem? Quem diria?...
JABORANDI É você falava que essas coisas todas não sucedem. Foi cada episódio, que nem fita de série.
CITONHO Sendo que aqui ainda há duas vantagens. Você não precisa de sair para tocar silêncio, nem de voltar na próxima semana. Mas vamos deixar de brinquedo e rezar por esses dois finados.
JABORANDI Você querendo, Citonho, a gente reza. Mas penso que não vai adiantar nada.
CITONHO Bem... Eu também acho. Mas quem é neste mundo Jaborandi, que pode lá julgar seu semelhante?

FIM